

DISCURSO NO XX CONGRESSO DO P.C.U.S.

(Da 5ª à 9ª Páginas Desta Edição)

A. I. MIKOIAN

Trabalhar Com as Massas, Lutar Pelo Fortalecimento Das Organizações de Massas

O DESENVOLVIMENTO da situação política do país promove a primeiro plano uma questão muitas vezes encarecida nos documentos do Partido: o fortalecimento das organizações de massas. O Partido Comunista, vanguarda organizada e combatente da classe operária, nasce no seio das massas e sua existência só tem razão de ser voltada para as próprias massas. Como servidores do povo que são, os comunistas têm que estar profundamente vinculados ao povo. Se se isola das massas, o Partido não pode cumprir nem sua missão histórica nem suas tarefas cotidianas.

Essa tese geral, de todos conhecida, adquire particular significação hoje, quando em face das vitórias obtidas, trata-se de fazer com que o governo trilha o caminho que corresponde nos interesses da nação, o caminho da democracia e do progresso. É necessário ter presente a advertência contida no Informe do Comitê Central no Pleno de Janeiro, apresentado pelo camarada Prestes: «Mais do que nunca, nas atuais condições do mundo e do nosso país, a orientação do governo depende muito mais da força, da consciência, da unidade e da organização das massas, do que propriamente dos desejos e das intenções dos homens que formam o governo».

Para atuarmos à devida altura, no momento político, têm importância fundamental o fortalecimento das organizações de massas e a luta pela unidade das massas. Entretanto, muitas organizações do Partido — sobretudo as intermediárias — não têm no centro de sua atenção o avanço da organização e da unidade das massas, seja no campo, seja na cidade. No afã unilateral de impulsionar as tarefas práticas, por vezes perde-se de vista a perspectiva do desenvolvimento geral da situação do país. A esse respeito, é necessário meditar sobre o que diz aquele documento: «Não nos esqueçamos de que os reacionários mantêm-se no poder não apenas pela força, mas também em consequência do baixo nível de consciência política, do apego aos velhos hábitos, da timidez, da falta de organização, por parte das massas trabalhadoras». Deve-se pois considerar como sério índice negativo, a incapacidade, verificada em certas regiões, de capitalizar para a organização das massas todo o ascenso democrático que se desenvolve no país às nossas vistas.

Fortalecer as organizações de massas significa, pois, antes e acima de tudo, torná-las aptas a desenvolver uma atividade permanente em torno dos objetivos a que se propõem, contando sobretudo com suas próprias forças. Lutar por isto é dever de todo o Partido. O momento impõe que se coloque tal questão na ordem do dia. E desde que nos disponhamos a enfrentar com decisão essa tarefa, muitas outras questões essenciais, atualmente relegadas a um plano secundário, se nos apresentarão em toda a plenitude de sua força. Referimo-nos à necessidade de uma justa distribuição das forças do Partido no âmbito de cada zona, distrital ou organização de base, com vistas a impulsionar simultaneamente todas as tarefas, a contribuir para o funcionamento das diversas organizações de massas; à luta contra toda estreiteza setorial — essa constante no nosso trabalho com as massas — manifestada sobretudo na falsa convicção de que só nós comunistas somos capazes de fazer funcionar as organizações de massas. De que se estas não estiverem sob a nossa direção exclusiva é pouco provável que o trabalho se desenvolva, de que ali devem predominar sistematicamente nossos pontos de vistas, enfim, na incapacidade de tratar em igualdade de condições e com modéstia às pessoas de que nos aproximamos no trabalho de massas.

O momento exige de todos nós mais amor e carinho pelo trabalho árduo de organização, esse trabalho silencioso e sem estardalhaço, quase imperceptível, mas que é um imperativo do nosso dever de tudo fazer para fortalecer as organizações de massas — condição essencial à vitória dos objetivos consubstanciados em nosso documento básico, o Programa do Partido.

VOZ OPERÁRIA

Nº 360 ★ RIO DE JANEIRO ★ 7 de Abril de 1956



PROSEGUEM, em todo o país, os preparativos para a Conferência Nacional dos Trabalhadores em Defesa das Leis Sociais. Em vários Estados os trabalhadores marcham para a realização de atos unitários, nos quais serão eleitos os delegados ao conclave nacional e discutido o teorário deste. NAS FOTOS: aspectos da Conferência Paulista de Defesa das Leis Sociais, que obteve notável êxito. (Leia, na 10ª página, o comentário sobre a preparação da Conferência Nacional.)



Experiências da campanha da Anistia na Bahia e em São Paulo

O IMPORTANTE PAPEL DAS COMISSÕES DE BAIROS

NAO SE TRATA DE REFORMAR MAS DE APLICAR A CONSTITUIÇÃO

(Leia na 3ª Página)

DESARMAMENTO: a Significação Das Propostas Soviéticas em Londres

(Leia na 2ª Página)

A ANISTIA SERÁ UMA CONQUISTA DO POVO UNIDO E ORGANIZADO

(Leia na 12ª Página)

Cessar-fogo e Negociações na Argélia!

A última semana culminou, na Argélia, com o massacre de algumas centenas de patriotas em luta contra a opressão francesa. Continua, assim, a fornecer o tom aos colonizadores franceses aquela velha frase do general Bugeaud que em 1844 dizia a todas as tribos resistentes:

«Submetel-vos à França e nenhum mal vos será feito. Caso contrário, entrarei em vossas montanhas, queimarei vossas aldeias e casas, cortarei vossas árvores frutíferas e, então, não culpéis senão a vós próprios; diante de Deus, estarei perfeitamente inocente desses desastres».

As populações mouras da Argélia reclamam o direito de dispor de si mesmas. Essa é a essência da questão que leva à furiosa repressão francesa no território ocupado. Trata-se de uma luta nacional, de um povo que se ergue para dirigir os próprios destinos após mais de cem anos de odiosa opressão estrangeira, iniciada ao tempo de Carlos X, aquele rei que «nada esquecera, e nada aprendera» desde a Revolução Francesa.

Após terem sido forçados a reconhecer a independência do Marrocos e prosseguir em negociações visando a ampliação da autonomia da Tunísia, os círculos reacionários franceses procuram separar a questão argelina das demais, utilizando argumentos sobre sua especificidade.

Diz-se, por exemplo, que há na Argélia uma grande população francesa. Mas essa população ali foi ter em consequência de uma espoliação colonial. E, como o roubo não cria direito, isso quer dizer que não há direitos franceses na Argélia, embora existam e possam ser reconhecidos interesses, decorrentes de uma situação de fato.

Diz-se que a Argélia não é colônia, mas território metropolitano. Esse jogo de palavras é velho e gasto. Portugal também alardeia que Goa não é colônia, mas província, querendo com isso justificar sua posse ilegítima de um território indiano. O nome que se dá à dominação colonial não lhe altera o caráter. Os brasileiros não levaram tampouco em consideração o fato de sua pátria ser «reino unido a Portugal e Algarves» quando decidiram proclamar a independência.

Não existe a propalada igualdade de direitos entre argelinos e franceses. O que há é igualdade entre franceses da Argélia e franceses da Europa. As populações autóctonas não têm terras necessárias para o cultivo, pois elas foram tomadas pelos invasores que as distribuíram aos colonos europeus. Não têm instrução, que lhes é negada; vivem em péssimo estado sanitário e não gozam dos direitos reconhecidos mesmo a outros povos oprimidos.

O pedido de plenos poderes feito à Assembléa Francesa pelo governo chefiado pelo socialista Guy Mollet é a constatação oficial de que um novo período, decisivo, está iniciado com o recrudescimento da luta nacional na Argélia. A ampla margem pela qual foi obtida a confiança que somou os sufrágios das correntes políticas mais diversas está longe de indicar, como parece à primeira vista, que há uma unidade de pontos de vista na Assembléa relativamente à política que deve ser seguida. Apoiaram Mollet não só elementos de direita, extremados colonialistas, que desejam o uso abusivo dos plenos poderes para esmagar a ferro e fogo qualquer manifestação argelina, como os comunistas que, ao votarem, levaram em consideração sobretudo a necessidade de manter a unidade comunista e socialista e a

estabilidade do governo, ameaçado de queda por não ter cedido até agora aos mais violentos partidários do massacre no norte africano.

O desenvolvimento efetivo da questão dependerá, sobretudo, da relação das forças em presença, tanto na Argélia, como na França.

Os comunistas e as outras correntes democráticas advogam em relação à Argélia a mesma política por que pugnaram na Indochina, por exemplo: direito de o povo argelino dispor livremente de seus destinos; abertura de negociações oficiais com os representantes de todas as correntes do povo argelino, sem exclusão de qualquer corrente.

Nessa base é que poderá ser estabelecida, na plena igualdade de direitos, a existência de laços políticos, econômicos e culturais entre os dois países, no interesse de seus povos.

Do contrário, só restará ao povo argelino o direito e o dever de levar às últimas consequências a luta contra a colonização francesa. A experiência recente da Tunísia e do Marrocos demonstra que o caminho da guerra de extermínio é um caminho falso que não condiz com os próprios interesses da França. Nesses dois países a situação só se normalizou quando, abandonando a estrada anteriormente seguida, os governantes da França abriram negociações pacíficas. Por outro lado, a situação no Viet-Nam do Sul demonstra que na melhor das hipóteses a insistência em normas coloniais levaria à substituição, à instalação de norte-americanos nessa zona de interesses franceses.

Ao pedir o voto de confiança, Mollet afirmou que o fazia para alcançar rapidamente a paz e obrigar, se necessário, os grandes proprietários a renunciarem a seus privilégios. As medidas militares foram apresentadas em segundo plano, e podem ser obstadas, na base da unidade de ação das forças progressistas. Como em outros problemas semelhantes, as exigências de todo o mundo democrático se concentram, agora, em dois objetivos imediatos: cessar-fogo e negociações.

Sua consecução abrirá o caminho para a justa e pacífica solução da questão nacional argelina.

ATENTADOS À LIBERDADE DE IMPRENSA NA AMÉRICA

Frequentemente a opinião pública do continente é sacudida por protestos contra atentados à liberdade de palavra escrita em diferentes países latino-americanos.

Na Colômbia, sob a ditadura de Rojas Pinilla, na Venezuela, sob a ditadura de Perez Jimenez, na Argentina, sob a ditadura de Aramburu, o espetáculo deprimente é mais o mesmo. O exemplo, que vem de

Washington, das odiosas perseguições à imprensa democrática e progressista, é seguido servilmente. São de nossos dias as violências contra órgãos da imprensa de Bogotá. O governo venezuelano, que enche os cárceres do país irmão e condena ao exílio os melhores patriotas da terra de Bolívar, assinou recentemente uma lei que proíbe a importação de literatura progressista. Na Argentina continua impedido de circular o jornal «La Hora», proibido pelo governo peronista em 1950. Ali também vários jornais e revistas de massas estão submetidos a vergonhosa censura policial.

As forças patriotas dos países do continente mobilizam-se em defesa da liberdade de imprensa, violada pelos governos ditatoriais que seguem ao ordens do Departamento de Estado norte-americano. A opinião pública democrática do Brasil e em especial os jornalistas, que tiveram recentemente a odiosa experiência de cerca de três meses de censura à imprensa, sabem avaliar o que isso representa contra os direitos democráticos do povo e sua luta pela independência e o bem-estar. Solidariza-se, por isso, com a imprensa democrática dos países irmãos alvo do ódio reacionário das ditaduras americanas, colocadas fora da lei internacional que impõe o respeito à liberdade de expressão.

Passo a passo os povos africanos sacodem o jugo colonial, conquistando sua independência. Na Tunísia que hoje goza do estatuto de país independente, integrado na União Francesa, desenrolaram-se sérias lutas de massas antes do reconhecimento pela França da independência tunisiana. Eis um enterro de patriotas mortos pela repressão, em seguida a pujantes manifestações populares pela independência do país.



crônica internacional Propostas Soviéticas em Londres

As novas propostas soviéticas ao Sub-Comitê do Desarmamento da ONU, reunido em Londres, ainda não chegaram em sua forma pormenorizada ao Brasil mas, desde já, a revelação de sua essência permite considerá-las uma prova eloqüente do desejo de chegar a acôrdo, aproximando-se ainda mais a URSS das teses ocidentais, sobretudo norte-americanas.

O aspecto que mais chama a atenção no novo plano é que o mesmo não cuida especificamente das armas nucleares, concentrando-se nos chamados armamentos clássicos. Os mal informados, desorientados pelas agências de propaganda belleista poderão, diante disso, ter um sentimento de estupor. Então, diriam, após tantos anos de luta pela proscrição das armas atômicas, a URSS abandona esse ponto essencial da questão do desarmamento? Entretanto, nada mais fácil de entender que a prioridade dada agora aos armamentos clássicos.

Examinemo-la. Em todas as conferências anteriores, as grandes potências capitalistas têm exigido preferência para a questão dos armamentos clássicos, argumentando que, nesse terreno, é incontestável a superioridade das forças armadas soviéticas. Repetidas vezes, os mais categorizados representantes norte-americanos, por exemplo, declararam que as armas atômicas eram o fator de equilíbrio de que dispunham seu país e seus aliados. Não pode, portanto, haver maior prova de boa vontade da parte da URSS do que aceitar a redução equitativa daqueles elementos militares em que sua superioridade é incontestada.

Ao mesmo tempo, com isso, dá uma prova palpável de que são inteiramente falsas as alegações propagandísticas ocidentais a propósito da sua suposta superioridade no terreno atômico. Para bom entendedor meia palavra basta, diz o ditado, e, da proposta soviética, as autoridades norte-americanas saberão tirar conclusões realistas, o que, sem dúvida, fará amadurecer mais rapidamente a questão do desarmamento atômico.

O Governo soviético permanece, porém, pronto a aceitar a proibição total e incondicional das armas atômicas e sua completa eliminação dos armamentos. De nenhum modo suas atuais propostas significam a derrogação de pontos de vista antigos, oficialmente renovados na oportunidade, mas nova tentativa de fazer avançar uma causa que se manteve por muito

tempo dentro de um círculo vicioso, que agora pode ser rompido.

Segundo os informes telegráficos, o plano soviético está sendo considerado insuficiente, na parte atômica, por parte dos britânicos e franceses. Não se pode deixar de recordar, a propósito, que a França e a Grã-Bretanha, embora incapazes de disputar aos Estados Unidos e à União Soviética a primazia atômica sempre repudiaram, a partir de 1945, todas as propostas soviéticas visando à interdição dos armamentos atômicos. Entretanto, se agora se dispuserem a promover uma proibição efetiva ou a apoiar as conhecidas propostas soviéticas nesse sentido, só encontrarão boa receptividade.

Como lembrou o primeiro-ministro Bulgânin, quando da Conferência dos chefes de Governo realizada em Genebra, na questão do desarmamento, como em outras, será necessário percorrer um grande caminho, tanto mais fácil quanto maior for a confiança entre os Estados. A atual prioridade aos armamentos clássicos destina-se precisamente a aumentar a referida confiança.

Deve-se assinalar, também, que o plano soviético é uma séria tentativa de aproveitar as diversas propostas apresentadas pelos diversos chefes de governo, no encontro pessoal que tiveram em 1955, e aproximar os diversos pontos de vista, mas que não pretende ser exclusivo, nem inalterável.

Destaque-se, a respeito, a aceitação de futura inspeção aérea, ao aproveitamento da idéia de uma zona de segurança, apresentada por Eden, ampliando-a, porém, quanto à área.

Uma importante peculiaridade do plano soviético é o dispositivo que determina que as verbas liberadas em cada uma das grandes potências graças à redução dos armamentos, sejam postas ao dispor da ONU para ajuda aos países subdesenvolvidos.

Os debates de Londres prosseguem, ainda. Mas seu curso está confirmando um progresso efetivo das negociações para deter a corrida armamentista, entrevendo-se a possibilidade de medidas concretas de alívio dentro de algum tempo.

NÃO SE TRATA DE REFORMAR, MAS DE APLICAR A CONSTITUIÇÃO

Não resistem a uma análise as frágeis teses defendidas pelos reformistas da

Carta de 46

CONDOLÊNCIAS DE LUIZ CARLOS PRESTES AO PCF PELA MORTE DE MARCEL WILLARD

Por motivo do falecimento do grande advogado antifascista Marcel Willard, membro do Partido Comunista Francês, Luiz Carlos Prestes enviou a seguinte mensagem ao Comitê Central do P.C.F.:

Rio de Janeiro, 15 de março de 1956.
Ao Comitê Central do Partido Comunista Francês
Aos camaradas Maurice Thorez e Jacques Duclos
Prezados camaradas:

Sentimos profundamente a morte de Marcel Willard, que conhecíamos e admirávamos como batalhador pela causa do direito e da democracia, como apaixonado da justiça e defensor, segundo os preceitos leninistas, dos perseguidos políticos.

Todos os que lutamos contra o fascismo não esqueceremos jamais o exemplo de energia e dignidade com que o grande advogado francês realizava sua nobre missão e a coragem com que enfrentava a ferocidade fascista.

Pessoalmente, devo a Marcel Willard a vida de minha filha, que ele com habilidade e dedicação ajudou a retirar das prisões nazistas.

Aceital pois, queridos camaradas, em nome do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil e no meu próprio o testemunho de nosso pesar por tão sensível perda.

Pedimos transmitir à família de Marcel Willard as condolências dos comunistas do Brasil e as minhas em particular.

Saúdo-os fraternalmente

Pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

LUIZ CARLOS PRESTES
Secretário-Geral

QUE SE pretende com a reforma constitucional, posta na ordem do dia por certos círculos políticos e de cuja articulação está incumbido o ministro da Justiça, sr. Neretti Ramos? Eis os principais aspectos da pretendida reforma:

1. Delegação de poderes. A delegação de poderes, no caso, seria, em termos claros, a ditadura legal. O Congresso delegaria ao executivo poderes para exercer a competência do Legislativo, o que transformaria o executivo em senhor absoluto e soberano. Com a delegação de poderes o executivo poderia, por exemplo, anular, por meio de um decreto-lei, a lei da Petrobrás e entregar o petróleo à Standard Oil. Poderia exercer todas as faculdades que a Constituição determina serem privativas do Poder Legislativo.

2. Maioria absoluta. Com a reforma constitucional pretendida atualmente, seria estabelecida a maioria absoluta para as eleições presidenciais, governamentais etc. Para que se compreenda bem o caráter antidemocrático dessa pretensão, na atual realidade brasileira, basta lembrar-se que, se a maioria absoluta estivesse em vigor, não teria prevalecido a vontade da maioria do povo brasileiro, expressa nas urnas de outubro último. Na realidade, a maioria absoluta não passa, no caso, de arma com que os reacionários pretendem dificultar ou impedir a participação das grandes massas na escolha dos governantes.

3. Liquidação dos pequenos partidos. A reforma visa, ainda, liquidar com os pequenos partidos, instituindo o chamado sistema bi-partidário, vigorante nos Estados Unidos, onde se impõe ao povo o dilema de escolher entre dois partidos iguais, ambos reacionários, ambos a serviço dos monopólios imperialistas. Também aí o que se procura é impedir a participação do povo nas lutas políticas, tanto mais quando as massas vêm, cada vez mais claramente, que é na alta direção dos chamados grandes partidos que se encastelam muitos de seus piores inimigos.

Perguntas aos reformadores

Os democratas perguntam, com razão: por que reformar a Constituição vigente? E' a Constituição que impede a industrialização do país? Que impede a realização da reforma agrária? Que impede o pleno exercício e a ampliação das liberdades democráticas? Que impede a aplicação de uma política de paz com todos os países? Que impede a concretização de medidas capazes de elevar o nível de vida do povo? Não. A atual Constituição não somente não impede isso, mas até mesmo o impõe. Trata-se, portanto, não de reformar, mas de aplicar a Constituição.

Argumentos inconsistentes

Os partidários da reforma recorrem aos mais inconsistentes argumentos. Diz-se que «uma Constituição com 10 anos de vigência já deve ser reformada». Esse argumento é infantil. A própria Constituição dos Estados Unidos, apesar de brutalmente violada pelos macartistas ianques, já atravessou mais de um século. Diz-se que a Constituição «não dá» aos governos «meios para governar» e se tornou, por isso, fonte de crises. Cita-se como exemplo a crise de 24 de agosto, quando foi derrubado — e morto — o presidente Vargas. Se se diz isso e se, ao mesmo tempo, pretende-se a delegação de poderes, então, para os reformadores, trata-se de dar aos governos meios legais não precisamente para governar, mas para impor a ditadura. Isso se torna tanto mais claro quando se sabe que, as teses da chamada reforma são, no fundo, as que defenderam os cabeças do golpismo derrotados a 11 de novembro. Isso acentua o seu caráter antipopular, reacionário.

AGEM DOIS PREGOIEIROS DA DITADURA TERRORISTA

O ALMIRANTE golpista Pena Boto aproveitou-se do julgamento do «habeas corpus» impetrado ao Superior Tribunal Militar para repetir — protegido pelas imunidades asseguradas à testemunha em juízo — as provocações pelas quais foi punido com dez dias de prisão. As declarações do energúmeno da cruzada anticomunista nada contém de novo. Repetem os insultos e as calúnias contra o general Teixeira Lott, o almirante Alves Câmara, e outras personalidades que tiveram posição destacada no movimento antigolpista de 11 de novembro e tenta lançar novas sementes de discórdia entre os militares e de divisão das forças armadas. A divisão das forças armadas e o desprestígio dos chefes militares que, tendo à frente o Ministro da Guerra, colocaram as armas da nação a serviço do povo e garantiram a Constituição

contra a investida golpista, são objetivos dos quais não desistem os articuladores da ditadura terrorista que o imperialismo exige em nossa pátria.

As últimas declarações de Pena Boto, que se ligam à provocação do coronel João Adil de Oliveira contra o general Maurell Filho, revelam o propósito desses inveterados golpistas de continuar estimulando a pregação e a articulação do golpe. A opinião pública, que repele os falsificadores golpistas e seus insultos aos chefes militares de 11 de novembro, não pode arrefecer sua vigilância em defesa das liberdades. A vigilância e a unidade das forças que desejam o respeito à Constituição é cada vez mais necessária para assegurar a continuidade do desenvolvimento democrático em nosso país.

Será Instalado no Dia 9 o Congresso Pró-Autonomia

O II Congresso Pró-Autonomia e Reivindicações do Povo Carioca será solenemente instalado no próximo dia 9, no plenário da Câmara do Distrito Federal. Será levada, assim, a uma nova etapa a luta do povo carioca pela autonomia de sua cidade, pelo direito de eleger seu prefeito. Como se sabe, o Congresso foi precedido de um longo trabalho preparatório, através de assembleias e debates em sindicatos, bairros, clubes e entidades diversas, além da atividade das comissões. Foi um trabalho amplo, do qual participaram pessoas de tendências políticas e religiosas diversas, unidas pelo objetivo comum de conquistar a autoridade do Distrito Federal e as reivindicações dos cariocas.

O programa do Congresso é o seguinte:

Dia 9, segunda-feira — Instalação solene, na Câmara de Vereadores, às 20 horas.

Dia 10, terça-feira — Cine Rosário, em Ramos, às 20 horas, sessão plenária sobre transportes e comunicações. Na sede do C.R.E.I.B., em Padre Miguel, às 20 horas, sessão plenária sobre saúde e assistência.

Dia 11, quarta-feira — Na sede do Madureira Tênis Clube, em Madureira, às 20 horas, sessão sobre comércio e indústria. Na sede da Associação Comercial de Copacabana, em Copacabana, às 20 horas, sessão plenária sobre urbanismo e obras públicas.

Dia 12, quinta-feira — Na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias Têxteis, às 20 horas, sessão sobre energia, luz e gás.

Dia 13, sexta-feira — Na sede da Associação Atlética Vila Isabel, às 20 horas, sessão plenária sobre águas e esgotos. Na sede do Clube Municipal (Haddock Lobo), às 20 horas, sessão plenária sobre Servidores Municipais.

Dia 14, sábado — Na sede do Jacarepaguá Tênis Clube, em Jacarepaguá, às 20 horas, sessão plenária sobre agricultura e abastecimento. Na A.B.I., às 20 horas, sessão plenária sobre educação e cultura. No Auditório da Feira de Amostras (Esplanada do Castelo), sessão plenária sobre esportes, às 18 horas.

Dia 15, domingo — Na Barreira do Vasco, às 18 horas, sessão plenária sobre habitação.

Dia 16, segunda-feira — Sessão de encerramento, às 20 horas, no Teatro João Caetano.

FATOS da SEMANA

CAUSOU grande indignação a notícia da sabotagem realizada por «técnicos» americanos no poço petrolífero de Testa Branca (Maranhão), que obstruíram o mesmo com ferramentas e madeiras no dia do teste para averiguar sua capacidade produtiva. Procurado pelo deputado Pedro Braga, que havia recebido a denúncia num telegrama assinado por inúmeras personalidades maranhenses, o coronel Janary Nunes, presidente da Petrobrás, declarou que seria aberto um rigoroso inquérito.

POR UNANIMIDADE a Comissão de Justiça do Senado aprovou uma emenda ao projeto do senador Moura Andrade, cassando as licenças concedidas aos senadores Lino de Matos, Dinarte Mariz e Moisés Lupion, para que pudessem exercer os cargos de prefeito de São Paulo e de governadores do Rio Grande do Norte e Paraná. Os três senadores terão de optar, dentro de 30 dias, por um dos dois mandatos de que se acham investidos.

O PRESIDENTE da COFAP, coronel Frederico Mindelo, declarou à imprensa que aceita a proposta dos dirigentes sindicais no sentido de que discutam conjuntamente, numa mesa-redonda, o congelamento dos preços e a carestia. Dizendo que «as portas da COFAP estão abertas aos trabalhadores», o coronel Kunzele anunciou medidas para o congelamento do arroz, feijão, açúcar, carne, medicamentos e outros produtos.

COM O OBJETIVO de narrar ao presidente Kubitschek e ao Ministro da Guerra os acontecimentos que se passam em Formoso (Goias) e em Dourados (Mato Grosso), encontra-se no Rio uma Comissão de camponeses daquelas cidades, entre os quais dirigentes da ULTAB, da ULTAG e da associação agrícola de Dourados.

FOI ENTREGUE ao general Lott, por uma comissão composta dos deputados Aarão Steinbruch, Cid Carvalho, Plácido Rocha, José Miraglia, Georges Galvão e Bruzzi Mendonça, a mensagem de solidariedade do povo brasileiro, aprovada no grande comício da Esplanada do Castelo, no dia 9 de março, por sua atitude patriótica em defesa da Constituição.

Arrendamento em Função da Produção — Propõe a FARESP

EM uma de suas reuniões semanais, a Federação das Associações Rurais do Estado de S. Paulo aprovou uma importante resolução do seu Departamento de Cultura. Trata-se de uma

tabela de arrendamento para o plantio de algodão que atende em suas linhas gerais aos interesses da grande massa de meeiros e parceiros. E' a seguinte a proposição da FARESP:

— Pleitear a fixação do arrendamento em função da produção, chegando-se à seguinte conclusão:

até 100 arrobas por alqueire, 10%;
de 101 a 110 arrobas por alqueire, 11%;
de 111 a 120 arrobas por alqueire, 12%;
e assim sucessivamente, até 290 arrobas por alqueire, 29%;
de 300 arrobas para mais por alqueire, 30%.

Nessa base, os lavradores que na Alta Sorocabana vêm pagando indiscriminadamente 40 arrobas por alqueire, havendo meeiros e parceiros que só conseguem colher essa quantidade, isto é, 40 arrobas por alqueire, veriam atendida uma das suas maiores reivindicações: a baixa do preço do arrendamento. Por isto mesmo, em torno da tabela da FARESP podem ser agrupadas grandes massas de lavradores do algodão, condição necessária a que venha ser aceita pelos grandes fazendeiros.

PELA ANISTIA O GOVERNADOR DO PARÁ

O GOVERNADOR em exercício do Pará, sr. Cateete Pinheiro, declarou à imprensa de Belém: «Dentro dos propósitos patrióticos de pacificação nacional reiteradamente manifestados pelo sr. Presidente da República, aos quais já expressei minha solidariedade, a anistia a todos os presos e processados por motivos políticos não deverá ter restrições. Será medida altamente patriótica, convidando todos os brasileiros à ordem democrática pelo progresso do Brasil.»

A declaração do governador paraense obteve ampla repercussão, demonstrando que a anistia é um anseio de quantos desejam a democracia e a pacificação da família brasileira.

Explicando o programa do P.C.B.

A Dominação do Imperialismo Norte-Americano no Brasil — 2

VIMOS, na edição anterior, que a crise de 1929 aguçou, também em nosso país, as lutas interimperialistas pela posse dos mercados e esferas de influência. Por essa época intensificou-se, no Brasil, a penetração dos imperialismos alemão e japonês. Estes entraram na disputa com os demais grupos imperialistas, que tudo faziam para alcançar o predomínio em nossa terra. Como veremos mais tarde, a segunda guerra mundial iria interromper, por algum tempo, a investida dos monopólios germânicos e nipônicos. Mas só por algum tempo. Mais tarde eles voltariam a investir, como o vêm fazendo nos últimos anos.

A penetração nipo-germânica

Com a debacle do café, seguida ao "crack" da Bolsa de Nova York (1929), setores das classes dominantes lançaram-se à busca dos novos mercados. Foi assim que se iniciou a produção, em larga escala, de algodão, para fornecimento aos alemães e japoneses. (Data daí, também, a imigração japonesa no Brasil). A Alemanha, aproveitando-se de escassez de divisas com que nos debatíamos, em consequência da crise, iniciou negociações e concluiu, com o Brasil, acordos vantajosos, à base das compensações. Fortalecia, com isso, sua posição em nosso comércio exterior.

Simultaneamente, o fascismo germânico penetrava, impetuosamente, em nosso país, agravando-se também no terreno político, a competição interimperialista. Através da propaganda intensa, da conquista de políticos e altas patentes militares, do financiamento e estímulo aos bandos nazistas e integralistas, os imperialistas alemães procuravam assegurar-se uma base política no Brasil.

O imperialismo norte-americano, utilizando-se da chamada política de "boa vizinhança" — cujos objetivos rapaces Euclides da Cunha já denunciara, no começo do século — fazia esforços para ganhar novas posições, lutando contra a reação dos demais concorrentes. Chocavam-se os vários setores das classes dominantes, ligados aos diferentes grupos imperialistas.

O governo manobrava entre eles. Em 1935 concluiu-se, com a Alemanha, o acordo dos marcos compensados. Os norte-americanos protestam. O governo assina o primeiro acordo bilateral com os Estados Unidos, em prejuízo dos interesses ingleses. Paralelamente, o Itamarati jura, nas conferências internacionais, fidelidade aos "ideais panamericanos" e a quinta coluna nazi-integralista articula-se impune e abertamente, exigindo que o Brasil se coloque ao lado das potências fascistas. Desfecha-se o golpe de 10 de novembro de 1937, saudado efusivamente em Roma e Berlim.

Os norte-americanos pressionam

Intensifica-se a pressão norte-americana sobre o governo

do sr. Getúlio Vargas, ao mesmo tempo em que os grupos alemães ou a estes ligados fazem novas investidas. Em 11 de maio de 1938 os integralistas tentam um assalto ao Catete. Fracassam. Nesse mesmo ano vai para o Itamarati o sr. Oivaldo Aranha, de conhecidas tendências contrárias ao Eixo nazi-fascista. Começava a tomar novos rumos a luta interimperialista no país.

Por essa época, às vésperas da segunda guerra mundial, foram as seguintes as posições dos diferentes grupos imperialistas no Brasil: nas inversões — Inglaterra, 1º lugar, com 1.158 milhões de dólares; Estados Unidos, 2º lugar, com 496 milhões de dólares; França e Alemanha, 3º lugar, com 40 milhões de dólares cada; no comércio exterior: nas importações — Alemanha, 1º lugar, com 25%; Estados Unidos, 2º lugar, com 24%; Inglaterra, 3º lugar, com 10%; nas exportações — Estados Unidos, 1º lugar, com 34%; Alemanha, 2º lugar, com 19%; Inglaterra, 3º lugar, com 9%. Estes dados conduzem a três conclusões. Em primeiro lugar, às vésperas da segunda guerra (1939) as inversões norte-americanas em nosso país haviam crescido dez vezes, com relação a 1916, enquanto que as inglesas permaneciam estacionárias. Em segundo lugar, a Inglaterra já se encontrava afastada da competição pelo primeiro lugar no domínio de nosso comércio exterior — a competição travava-se, então, (1938) entre os Estados Unidos e a Alemanha. Em terceiro lugar, até às vésperas da segunda guerra mundial, nenhum imperialismo conseguira o predomínio absoluto no Brasil.

No curso da segunda guerra e, principalmente, a partir de 1945, a situação sofreu importantes modificações. É sabido como agiram os imperialistas norte-americanos, nos anos da conflagração mundial, para afastar e liquidar os interesses alemães e japoneses no país, bem como para prejudicar os interesses ingleses.

Em 1945 as posições norte-americanas aqui estavam consideravelmente reforçadas e os monopólios lanques começaram a conquistar novas e mais fortes posições, em todos os setores da vida nacional. Manejando o governo reacionário do sr. Eurico Dutra eles impuseram, no país, uma política de violenta repressão contra as forças democráticas — visando particularmente a classe operária e sua vanguarda, o P.C.B. — de alienação da soberania nacional e de preparação guerreira. Impuseram ao governo Dutra, enfim, uma política de portas abertas aos trustes de Wall Street e cravaram fundo suas garras em todos os setores importantes da economia, da política, da cultura e da defesa nacional, alcançando, assim, o predomínio absoluto em nosso país, que pretendiam e pretendem transformar em colônia.

O domínio lanque na economia nacional

Em 1950, segundo estatísticas consideradas fidedignas, 46% das inversões estrangeiras no Brasil (referimo-nos exclusivamente às inversões diretas) eram norte-americanas. Eis a situação, nessa época, no setor das inversões: Estados Unidos, 1º lugar, com 600 milhões de dólares ou 46%; Canadá, 2º lugar, com 325 milhões de dólares ou 25%; Inglaterra, 3º lugar, com 221 milhões de dólares ou 17%; outros países com 154 milhões de dólares ou 12%. Assinala-se que os investimentos canadenses, em sua maior parte, são, na verdade, norte-americanos.

Continuaremos na próxima edição, quando procuraremos apresentar um quadro sucinto da situação nos dias atuais.

Avolumam-se os Pronunciamentos Pela Anistia em Todo o País

Já está nas ruas de todo o país a grande campanha nacional pela anistia ampla aos presos e perseguidos políticos desde 1945. De todas as latitudes do território nacional chegam ao Congresso Nacional e à Presidência da República pronunciamentos de Assembleias Legislativas, câmaras municipais, governadores e prefeitos, sindicatos, entidades civis, personalidades, etc., todos juntando-se ao clamor unânime que ecoa no país: ANISTIA! ANISTIA! ANISTIA!

Posseiros de Itabuna

A Sociedade dos Posseiros e Pequenos Fazendeiros das Serras do Padeiro e Maroim, em Itabuna (Bahia), enviou ao deputado João da Costa Falcão um abaixo-assinado no qual manifestam-se ecretos de que a anistia a todos, sem restrições de qualquer espécie, virá beneficiar a luta democrática de todo o povo brasileiro, solicitando a imediata aprovação da medida democrática. O abaixo-assinado é firmado por José Gomes dos Santos (presidente) e mais 110 pessoas.

Trabalhadores do Cacau

Ao Presidente da Câmara de Deputados foram enviados dois abaixo-assinados de Itajupe (Bahia), ambos pela anistia e pelo reatamento de relações com os países socialistas. O primeiro, subscrito por comerciantes e cacauicultores, é assinado por João O. Moreira, Ulisses José da Silva, Joaquim Bonfim e mais 68 assinaturas. O segundo, de trabalhadores das fazendas de cacau, é assinado por Agenor B. da Purificação, José D. Conceição, Lourenço C. dos Santos e mais 35 assinaturas.

Na Assembléia do Pará

O deputado Júlio Rocha Xavier, após ler da tribuna da Assembléia Legislativa do Pará o apêlo da Comissão Nacional Pela Anistia, apresentou um requerimento pela aprovação da medida que abrangia a todas as pessoas que estejam em nosso país sendo processadas ou tenham sido condenadas por delitos de natureza política. O requerimento foi enviado à Comissão de Justiça, devendo em seguida ser discutido no plenário.

Câmaras Municipais Pela Anistia

Por dez votos contra seis, a Câmara Municipal de Ponta Grossa (Paraná), aprovou um requerimento dos vereadores Herculano Torres Cruz (PTB) e João Manoel dos Santos Ribas (PSP), pedindo que fosse enviada à Câmara Federal uma moção no sentido de que seja aprovado o projeto Vieira de Melo com uma emenda que estenda a anistia a partir de 1945.

A Câmara Municipal de

Paranaguá (Paraná), aprovou por unanimidade um requerimento do vereador Mário Santos, pela anistia ampla.

No mesmo sentido, o legislativo da cidade paranaense de Ibiti aprovou requerimento do vereador D'Junni Aquino, também por unanimidade.

Memoriais

De São Domingos, município de Catalão (Goiás), recebemos cópia de um memorial enviado à Câmara Federal, assinado por Joaquim Pedro Camilo, Maria do Rosário Camilo e mais 48 assinaturas.

Do município paranaense de Mandaguari, recebemos um abaixo-assinado pela anistia, subscrito por José Lopes Filho, Maria Rosa da Conceição e mais 50 pessoas.

Ainda do Paraná, os srs. José Rezende Castro, Manoel Barbosa e mais 10 pessoas residentes em Paraisópolis do Norte enviaram ao deputado Leônidas Cardoso um abaixo-assinado pela anistia.

EXPULSAO DE UM AVENTUREIRO DAS FILEIRAS DO P. C. B.

O COMITÊ de Centenário do Sul (Paraná) do Partido Comunista do Brasil expulsou das fileiras do P.C.B. o indivíduo José Carrion, por indigno de pertencer ao Partido de vanguarda do proletariado e do povo brasileiro.

Assinalando as atividades antipartidárias e diversionistas do citado indivíduo, a resolução do Comitê de Centenário do Sul diz que ele defendia a desmoralizada tese da "incapacidade" de nosso povo, procurava desacreditar a política nacionalista do petróleo e a "Petrobrás", apresentava os imperialistas norte-americanos e o m.o. "inimigos sem importância" diante dos "tubarões nacionais", fazia campanha de descrédito e desmoralização contra a linha partidária e pregava, junto à massa, a falta de confiança no Comitê Central.

"Ao ferir-se a última campanha presidencial — frisa a resolução — envolveu-se e procurou envolver outros militantes em cambalachos com asséclias de um conhecido candidato, renúncia do nosso Partido. Advertido fraternalmente por tudo isso, ao invés de reconhecer seus erros, rebelou-se contra a linha do Partido, desonrou os Estatutos e desandou a caluniar o Comitê Central."

Afirmando que no invencível P.C.B. não há lugar para aventureiros e traidores, a resolução conclama os organismos partidários, os trabalhadores e o povo a reforçar a vigilância revolucionária, a levantar cada vez mais alto a bandeira do Partido, a bandeira de luta de nosso povo pela libertação nacional.

COMO ELABORAR TRABALHOS SOBRE A ATIVIDADE DO PARTIDO ENTRE AS MULHERES

NO sentido de facilitar a preparação de debates sempre produtivos, em torno da atividade entre as mulheres que realiza a vanguarda da classe operária, apresentamos a seguir algumas sugestões para a elaboração de trabalhos que possam servir de roteiro a essa discussão. O essencial, ao elaborá-los, é ter presente a necessidade de um elevado espírito crítico e autocrítico:

1) Começar por uma pequena introdução para dizer da importância da Resolução do trabalho do Partido entre as mulheres e que se trata de dar um passo adiante na luta pela sua aplicação.

2) Tratar rapidamente da situação da mulher no local (empresas, fazendas, distritos, zona, etc.). Falar da exploração que a mulher sofre

e com que aspectos se apresenta.

3) Apreciar do ponto de vista autocrítico a atividade do Partido entre as mulheres (nas O.O.B.B. femininas e de empresa, nos distritos e zonas).

Mostrar quais são as incompreensões e como avançar o trabalho do Partido entre as mulheres. Como se manifesta o sectarismo. Que luta tem sido feita contra as concepções ideológicas e tendências que entravam a atividade do Partido entre as mulheres.

4) Que trabalho tem sido feito no Partido (nas O. O. B. B. femininas e de empresa, nos distritos e zonas) para ganhar as mulheres para o Programa do Partido e para aplicar a Resolução do

Partido sobre o trabalho entre as mulheres. Como têm sido organizadas as mulheres, que formas de organização foram adotadas. Que lutas foram desencadeadas pela paz, contra a carestia e por outras reivindicações, inclusive aquelas que constam da Resolução. Qual a participação das mulheres e a atividade das O.O.B.B. femininas nos acontecimentos políticos. Qual o avanço da unidade e organização das mulheres e o papel das O. O. B. B. femininas para isso. Sobre toda esta parte citar experiências e exemplos positivos e negativos.

5) Qual o esforço feito para tornar o trabalho do Partido entre as mulheres trabalho de todo o Partido. Como vêm crescendo os efeti-

vos femininos de nosso Partido (nas O.O.B.B., distritos e zonas). Citar alguns exemplos ou experiências de recrutamento. Quais os cursos especializados que têm sido feitos. Analisar essa atividade. Como vem sendo feito o trabalho de agitação e propaganda entre as mulheres e o trabalho com a imprensa para as mulheres. Qual o trabalho realizado para a difusão e assimilação da Resolução.

6) Indicar as medidas do Partido para liquidar a substituição do trabalho do Partido entre as mulheres e apontar as tarefas e perspectivas na luta contra a carestia, pela paz, pelas liberdades democráticas, pela independência nacional e em face do governo.

DISCURSO NO XX CONGRESSO DO P.C.U.S.

CAMARADAS:

A. I. MIKOLIAN

Estou plenamente de acordo com o informe de balanço do Comitê Central do Partido, e me permito deter-me apenas em alguns aspectos de sua atividade.

No informe do C.C. analisam-se novos fatos e acontecimentos da história da humanidade na época contemporânea. Iluminando-os com a luz do marxismo-leninismo, o Comitê Central chega a uma série de conclusões importantes, teoricamente audazes, profundamente ricas quanto aos princípios, ligadas às leis que regem o desenvolvimento da sociedade e a sua utilização nas condições atuais. São levantados importantes problemas da teoria marxista em sua aplicação à situação de hoje. As conclusões decorrentes da análise destes problemas possuem não só valor teórico, como também adquirem caráter programático e grande importância prática para a política do comunismo nas etapas subsequentes do desenvolvimento. O marxismo-leninismo é, assim, enriquecido, em considerável medida, enquanto que se presta uma valiosa contribuição à ciência marxista-leninista do desenvolvimento da sociedade. (Aplausos)

As conclusões e teses teóricas contidas no informe do camarada Kruschiov comprovam que nosso Comitê Central, como lhe cabe na qualidade de órgão mais experiente e que enriquece a história do Partido Comunista, não se limita a repetir conhecidas teses teóricas do marxismo-leninismo. Orientando-se pelo poderoso método marxista de conhecimento das leis que regem o desenvolvimento social, o Comitê Central nos dá a compreensão dos acontecimentos atuais do desenvolvimento social, explica-os de maneira marxista e arma a classe operária com conclusões que, já agora, generalizam e esclarecem não só fatos e acontecimentos ocorridos na época em que Marx e Lênin ainda viviam e atuavam, como também acontecimentos subsequentes, tanto nos países do capitalismo, quanto nos países socialistas. Permito-me abordar, a seguir, alguns dos problemas indicados, em vista de sua extraordinária importância e atualidade.

O elemento principal que caracteriza a atividade desenvolvida pelo Comitê Central e seu Presidium, durante estes últimos três anos, é o fato de que se criou em nosso Partido a direção coletiva, após uma longa interrupção. (Aplausos)

Nosso Partido possui agora um coletivo dirigente fortemente coeso, cuja força reside não só em constituir-se de camaradas que se forjaram durante muitos anos na luta revolucionária — o que é, evidentemente, muito importante — mas, o que é principal, no fato de que esse coletivo, orientando-se pelas idéias leninistas, pelos princípios leninistas de construção do Partido e de direção partidária, em curto prazo conseguiu restaurar, de cima a baixo, as normas leninistas de vida partidária. (Aplausos)

O princípio da direção coletiva é um princípio elementar para um partido proletário, para um partido de tipo leninista, mas cabe-nos ressaltar essa velha verdade porque, durante cerca de 20 anos, não tivemos, na realidade, direção coletiva, floresceu o culto ao indivíduo já condenado por Marx e posteriormente por Lênin, e isto, naturalmente, não poderia deixar de exercer influência extremamente negativa sobre a situação existente no Partido, sobre sua atividade. E agora, quando durante os últimos três anos foi restaurada a direção coletiva do Partido Comunista à base dos princípios leninistas e da unidade leninista, sente-se toda a influência benfazeja dos métodos leninistas de direção.

Nisso se encerra a fonte principal que durante os últimos anos emprestou novo vigor ao nosso Partido, que representou uma importante premissa para os êxitos mencionados no informe do camarada Kruschiov e o penhor de que o Partido continua a avançar com segurança ainda maior, e com sucesso ainda mais marcante pelo caminho da construção do comunismo.

Durante os últimos anos o Comitê Central — o que é refletido no informe de balanço — prestou muita atenção, entre outros problemas inadiáveis e prementes, ao rápido fomento da indústria e, sobretudo, da indústria pesada, ao desenvolvimento da luta pelo progresso técnico no domínio da indústria, dos transportes, da agricultura e do comércio, por uma elevada produtividade do trabalho e por uma apurada qualidade dos produtos industriais. Cuidou-se principalmente de acabar com o atraso na agricultura, de abolir a consequente desproporção entre o desenvolvimento da indústria e o da agricultura, extremamente perigosa para nosso país e cuja continuação representaria um obstáculo extremamente sério para nosso desenvolvimento. Essa tarefa foi realizada por meio de várias medidas como a elevação do interesse material dos colcosianos e o aproveitamento de terras virgens e incultas. Durante dois anos foram aproveitados 33 milhões de hectares de novas terras. Em alguma época anterior poderíamos ter sonhado com coisa semelhante?

Que acontece, ao mesmo tempo, na agricultura dos Estados Unidos? Em janeiro deste ano, o governo dos Estados Unidos apresentou ao Congresso, na mensagem presidencial, um programa para reduzir as áreas de semeadura em 10 milhões de hectares. Isso não passa, evidentemente, de destruição direta das forças produtivas na agricultura e de uma



nova e das mais evidentes manifestações da decomposição do capitalismo. Constatamos que também nos Estados Unidos se levanta o problema das terras virgens e incultas, mas às avessas, à americana. Ao invés de lavrarem a terra, transformam áreas de cultura em terras incultas, em terras baldias. (Animação na sala) E isso ocorre num país que pretende «dirigir o mundo», numa época em que, segundo dados oficiais fornecidos pela Organização das Nações Unidas, não dispõe de alimentação suficiente uma quantidade cada vez maior de cidadãos do mundo capitalista — quantidade que chega a apresentar, hoje 59% de toda a população do mundo, enquanto que em 1939 era de 31%. Apesar disso, nos Estados Unidos se propõe destruir áreas de semeadura, reduzindo-as em 10 milhões de hectares!

O seguinte exemplo basta para nos revelar o que visam as pretensões à «direção do mundo»: Em 1955 os monopólios petrolíferos americanos e ingleses extraíram, no Oriente Próximo, 150 milhões de toneladas de petróleo, o que lhes custou um total de 240 milhões de dólares. Graças a esse custo irrisório, conseguiram de lucro líquido um bilhão e novecentos milhões de dólares, tendo coberto durante um ano todas as inversões do capital nessa região petrolífera. Enquanto isso, em Kuwait, por exemplo, em um trimestre conseguiram lucro equivalente ao capital ali invertido até então. Na indústria petrolífera dos Estados Unidos seriam necessários, no mínimo, 6 a 7 anos, para resgatar o capital empregado. Se todas as rendas provenientes do petróleo tivessem ficado em poder dos seus legítimos donos — os árabes e outros povos do Oriente Próximo — estes povos poderiam superar rapidamente a miséria e recobrar em seu desenvolvimento econômico e cultural o que perderam em virtude da implacável exploração exercida pelo capital estrangeiro durante muitos anos.

Essa famigerada «direção do mundo» manifesta-se também sob formas novas e dissimuladas de exploração. Muitos povos da Ásia e da África libertaram-se da dependência colonial, mas, em virtude do domínio dos monopólios americanos e ingleses sobre seus mercados externos, são-lhes impostos — como afirmam os próprios povos dos países pouco desenvolvidos — preços injustos, isto é, uma espécie de «tesoura» entre os preços de exportação e de importação. Segundo dados da ONU, esses povos recebem hoje, pela mesma quantidade de mercadorias exportadas, 40 por cento menos do que no começo do século, dos produtos de importação de que necessitam.

Eis a chamada «solicitude» para com os países subdesenvolvidos e a «ajuda» aos mesmos!

Voltando ao problema do desenvolvimento de nossa agricultura, devemos dizer que a correção da situação na agricultura é conseguida entre nós, também, pela distribuição racional das superfícies de semeadura entre as culturas mais importantes, pela mecanização complexa dos trabalhos agrícolas, pela reorganização da direção orgânica da agricultura, pela modificação da planificação na agricultura. Foi revogada a planificação burocrática e nociva proveniente do centro e transferida aos próprios colcoses a planificação das áreas de semeadura e do rendimento de cada cultura; o número de cabeças de gado e a produtividade da pecuária, enquanto que se destinou exclusivamente ao centro a fixação das proporções dos fornecimentos e a venda da produção ao Estado.

Todas essas medidas garantem o rápido fomento da agricultura, a liquidação da desproporção existente em nossa economia e reforçam seriamente a aliança da classe operária com o campesinato.

Já agora conseguimos elevar a produtividade da agricultura e, graças a isso, melhorar consideravelmente a produção dos gêneros alimentícios e de mercadorias industriais de amplo consumo destinados à população.

Acha-se estabelecida a tarefa de aumentar no fim do VI plano quinquenal, a massa de mercadorias de amplo consumo quase 3,5 vezes em relação a 1940, incluindo a carne e o peixe, 3,2 vezes; conservas, 5,6 vezes; gordura animal, 3,9 vezes; açúcar, 3 vezes; tecidos de seda, 14 vezes; tecidos de lã, 3 vezes; máquinas de costura, 22 vezes; relógio, 12 vezes etc.

Esses elevados ritmos para o aumento da produção das mercadorias de amplo consumo mais deficitárias hoje explica-se pelo fato de que o Comitê Central de nosso Partido se acha preocupado com a existência em vários lugares de intermitências no comércio e de filas para aquisição de determinadas mercadorias. As vezes surge a seguinte pergunta: serão inevitáveis as intermitências no comércio e filas para aquisição de determinadas mercadorias deficitárias?

Serão estas uma constante no comércio socialista? Não, evidentemente. Elas ocorrem quando não há um justo equilíbrio entre a massa de mercadorias existentes e a capacidade e o poder aquisitivo da população.

Na sociedade socialista a procura deve ultrapassar a oferta de mercadorias. Uma procura sempre crescente impulsiona a produção. Toda questão consiste no grau em que a procura ultrapasse a oferta. Um sério desequilíbrio entre a massa de mercadorias existentes e as rendas em dinheiro da população acarreta desproporções na esfera da circulação e origina fenômenos negativos, no comércio soviético, tais como as filas e a intermitência na venda de certas mercadorias, cria inconvenientes à população piorando a qualidade dos serviços prestados pelo comércio e dificultando a luta por elevar a qualidade das mercadorias.

Temos agora todas as possibilidades para acabar com esta desproporção. A justa planificação possibilita não permitir no futuro, estas desproporções na esfera da circulação e acabar, logo nos primeiros anos do plano quinquenal, as filas e as intermitências no comércio existentes em alguns lugares. Isso deve assegurar a criação das comodidades necessárias para o comprador, aumentar a eficiência e a qualidade do comércio, melhorar os serviços prestados ao comprador, garantir a elevação da qualidade de toda a massa de mercadorias ao nível dos nossos melhores padrões e dos melhores padrões estrangeiros, e elevar todo o comércio e toda a alimentação pública a nível novo e mais elevado, correspondente às exigências da sociedade socialista. (Aplausos)

Uma justa correlação entre a oferta e a procura será conseguida por meio de um aumento vertical da produção das mercadorias deficitárias e pela realização, a seguir, de uma política de baixa de preços em que estes sejam reduzidos somente à proporção do aumento da massa de mercadorias, e da elevação da capacidade aquisitiva da população.

Devemos confessar francamente que a situação existente nas lojas e nos refeitórios é inferior aos melhores modelos existentes no estrangeiro. É necessário que o reconheçamos para empregarmos novos esforços no sentido de elevar, o mais rapidamente possível, o comércio e a alimentação pública ao nível exigido. Para isso é necessário ampliar a rede de lojas e de refeitórios, já que existem poucos; reequipá-los tecnicamente; melhorar sua organização, introduzindo um sistema em que o freguês sirva-se a si próprio, tanto nos refeitórios quanto nas lojas. É necessário empregar amplamente os automáticos, dos quais existem, atualmente, na América, cerca de 2 milhões, enquanto que em nosso país só existem unidades. Isto permitirá criar comodidades para o comprador e reduzir as despesas com a circulação, elevando a produtividade do trabalho dos comerciantes.

Para melhorar radicalmente o comércio e a alimentação pública é preciso concluir a descentralização da administração das empresas comerciais, transferi-las aos soviets locais de deputados dos trabalhadores, incorporar amplamente os operários empregados e donas de casa mais ativos, ao trabalho de controle diário e de melhoramento do comércio e da alimentação pública. Eles, mais do que ninguém, são os primeiros a constatar todas as deficiências no comércio e, por isso, lhes cabe verificá-las e conseguir sua extirpação. Quanto ao controle, os sindicatos devem representar um papel decisivo enquanto que aos soviets locais compete liquidar as deficiências constatadas.

A atividade de nosso Comitê Central orientou-se, também no sentido da luta implacável contra a centralização burocrática e pelo fortalecimento do centralismo democrático leninista; pela salvaguarda e consolidação da aliança entre as nações soviéticas, dos direitos soberanos das repúblicas da união, pela transmissão, às mesmas das questões subordinadas à sua competência, mas que anteriormente estavam injustamente concentradas no centro, como ocorria a um considerável número de empresas industriais que se acham subordinadas ao centro e foram transferidas agora à administração dos órgãos locais; pelo reforço dos direitos outorgados aos soviets locais e às empresas; pela incorporação das massas operárias à elaboração e análise dos planos econômicos, a uma participação mais ativa na solução dos problemas ligados à administração da produção; pela redução e simplificação do aparelho estatal; pela luta contra a auto-suficiência e a presunção, a jactância vã, os informes burocráticos que nos causam tanto mal; pela crítica e auto-crítica completas, sem considerar pessoas.

Entre outras importantes medidas, devemos ressaltar a divisão do GOSPLAN em dois, isto é, o plano de perspectivas e a planificação atual, o que tem por finalidade estabelecer uma ligação justa entre as necessidades do futuro e as do presente. (CONTINUA)

DISCURSO NO XX CONGRESSO DO P.C.U.S.

cessidades atuais, com o controle recíproco entre esses órgãos, subordinados ao objetivo de evitar as desproporções na economia.

Tendo presente a importância que Lênin atribuía à planificação da economia, podemos estar certos de que a decisão do CC de reorganizar o GOSPLAN, corresponde, nas condições atuais às exigências que Lênin em sua época apresentava àquele organismo.

No mundo capitalista as proporções na economia se estabelecem espontaneamente, através da concorrência, da anarquia da produção e das crises. Ao contrário disso, na economia socialista as proporções se estabelecem pela vontade da sociedade organizada por meio da planificação científica, baseada nas exigências das leis objetivas que regem o desenvolvimento da economia. É por isso que de uma justa e científica fundamentação da planificação depende o desenvolvimento harmônico, e que não se verifiquem sérias desproporções na economia.

O informe do camarada Kruschiov não é apenas um balanço do que se fez. No informe do C.C. e no projeto de Diretivas para o VI Plano quinquenal submetido ao exame do Congresso um programa amplo e detalhado que visa a acelerar o movimento pelo caminho que nos leva ao comunismo. Nele se fala dos caminhos que a indústria e toda a economia nacional devem tomar em seu desenvolvimento, o que se deve fazer para conseguir uma considerável elevação do nível de vida da população, de acordo com as crescentes possibilidades apresentadas pelo regime socialista.

Estabelecendo a tarefa de alcançar e ultrapassar os países capitalistas quanto à produção per-capita estabelecemos a tarefa de alcançar e ultrapassar os países capitalistas mais ricos no domínio do consumo per capita e de conseguir grande abundância de todas e quaisquer mercadorias de amplo consumo (Aplausos)

Trata-se também de todo um conjunto de importantes medidas sociais, tais como a redução do dia de trabalho, o aumento do salário para as categorias de empregados e operários menos recompensados, a ajuda na educação dos filhos. Tais medidas visam igualmente a facilitar a manutenção dos pais de idade avançada, através da organização, pelo Estado, de casas destinadas às pessoas idosas, e da correspondente assistência por meio de pensões. Visam, ainda, ao ensino gratuito, à organização de uma ampla rede de creches e de jardins de infância, de internatos para escolares, de refeições para estes e de um amplo sistema de alimentação pública. Finalmente, incluem-se também, aqui, as medidas para resolver rapidamente o problema da habitação e melhorar os serviços de saúde e de educação pública.

A elevação do salário dos operários e empregados que recebem menos, significa a liquidação de certas desproporções em nossa economia, da diferença exorbitante que se observa entre o salário percebido pelos operários e empregados menos remunerados e os salários atribuídos às categorias de remuneração elevada. Na época em que realizávamos a industrialização de um país agrário, essa desproporção era natural, uma vez que estimulava a rápida formação de operários altamente qualificados dos quais o país sentia extrema necessidade.

Agora, quando contamos com uma classe operária altamente qualificada, e com nível cultural elevado, que se amplia anualmente com pessoas que terminaram o curso de sete anos e de dez anos, tal diferença, apesar de que, continue existindo, deve ser diminuída, o que decorre do próprio nível atingido pelo nosso desenvolvimento e significa um passo à frente no caminho que nos leva ao comunismo.

Tudo isso são emblemas de comunismo, abre o caminho à forma comunista de vida, nos alegra e entusiasma a todos. Que saibam disso também os americanos orgulhosos que se vangloriam de sua riqueza de hoje, de seu «estilo de vida americano». Que entrem em emulação conosco neste domínio e comprovem quem fez mais em benefício do povo e que estilo de vida é melhor. Que, ao invés da corrida armamentista, empreendam esta emulação. A nós, cidadãos soviéticos, e também ao povo americano uma tal emulação cala mais fundo! (Aplausos)

Alguns problemas da política exterior

São notáveis os êxitos conquistados pela política exterior soviética, em particular, no último ano. Também aqui o coletivo dirigente do Partido trouxe uma nova corrente de ar fresco, realizando uma política externa rica de elevados princípios, ativa e flexível, expressa em tons moderados e sem injúrias, partindo dos inabaláveis preceitos de Lênin a respeito da coexistência pacífica entre países com diferentes regimes sociais, tendo como finalidade principal, acabar com a ameaça de guerra e assegurar a paz para todo o mundo.

E para espanto de muitos políticos burgueses, nosso governo não temeu dizer francamente, que, com relação a várias questões internacionais, no passado foram cometidos erros em nossa política exterior, e que, em alguns casos, as relações se tornaram tensas, por culpa nossa. O governo soviético empreendeu com firmeza a liquidação de deficiências manifestadas em nossa atividade no domínio da política externa, o que se constata de maneira mais evidente no que diz respeito à solução dos problemas relativos às relações entre a União Soviética e a Iugoslávia. Evidentemente, só os verdadeiros leninistas são capazes de proceder, como o fez o Comitê Central no período entre o XIX e o XX Congresso, quanto à questão iugoslava. Hoje bem se percebe, quão justos foram estes passos audazes e quanto se revelaram produtivos para os destinos da causa da paz e do socialismo. (Aplausos)

No mesmo sentido, várias outras medidas — a extinção de nossas bases militares na China e na Finlândia, liquidação das sociedades mistas nos países de democracia popular,

o tratado de paz com a Austrália e outros — também comprovam a intrepidez de nossa política, sua riqueza de princípios, o respeito aos direitos soberanos dos outros países, seu dinamismo e, conseqüentemente, sua eficácia.

Nossa política exterior se orienta, como nos ensina o marxismo-leninismo, levando em conta as particularidades concretas da situação, a correlação real de forças, com a análise justa da diferença e dos matizes na política de certos países no período atual e, sobretudo, na questão principal para nós: o problema da luta pela paz.

Além disso, rejeitamos certas formas rígidas na atividade de nossa diplomacia, de nossos órgãos do comércio exterior e da economia em sua relação com os países estrangeiros e com cidadãos desses países, acabou-se com o isolamento das organizações sociais e estatais soviéticas em relação ao mundo exterior e se ampliaram os contatos entre os estadistas soviéticos e estrangeiros, entre os políticos e organizações sociais.

Certos círculos agressivos americanos exerceram um papel negativo no sentido do rompimento de relações entre países. Tentaram, porém, isentar-se da culpa e atribuí-la a outrem, aos representantes soviéticos, inventando a frase pomposa da «cortina de ferro», pretensamente estendida pela União Soviética. Consideraram isso como sintoma de uma certa «debilidade do regime soviético», um pretenso temor nosso de tudo o que possa ocorrer em virtude dos contatos dos cidadãos soviéticos com os estrangeiros. Chegaram mesmo a afirmar que tais contatos poderiam abalar nosso regime estatal.

Conseguimos desfazer rapidamente esse mito e desenvolver amplas relações com países estrangeiros tanto oficiais, sociais, quanto artísticas, turísticas, esportivas, etc.

Com alguns países democráticos, estes contatos se desenvolvem muito bem, e têm grandes perspectivas de se intensificar. Com outros países, como os Estados Unidos, por exemplo, a questão marcha com dificuldade, em vista da franca resistência oposta pelo Departamento de Estado, a despeito do ardente desejo manifestado pelo povo americano e muitas organizações sociais americanas.

Vamos citar, a respeito, um exemplo curioso. Visitaram Moscou, no ano passado, representantes dos restaurantes americanos. Percorreram seus lugares históricos, visitaram todas as empresas que lhes interessavam, restaurantes e refeitórios. Não levantamos nem mesmo a questão de que gente nossa visitasse os Estados Unidos, em caráter de reciprocidade. Satisfeitos com nossa hospitalidade, os hóspedes americanos fizeram aos especialistas de Moscou no comércio de restaurantes um convite para visitar a América com o fim de conhecer as atividades das empresas americanas de alimentação pública. Iniciou-se, assim, contacto nesse sentido. E eis que, recentemente, cinco trabalhadores das empresas de alimentação pública de Moscou se preparavam para uma viagem aos Estados Unidos, quando, de súbito, o Departamento de Estado anunciava considerar indesejável sua ida aos Estados Unidos. (Risos e animação no auditório) Ao que se constata, para certos funcionários do Departamento de Estado, até mesmo nossos cozinheiros e técnicos de alimentação são perigosos. (Risos, aplausos) Todos vêm com este pequeno fato, quem é pelos contatos e quem é contra estes.

Através de nossas palavras e ações, desmascaramos as falsidades espalhadas por nossos inimigos no estrangeiro a respeito da agressividade da política soviética, demonstrando toda a profundidade de seu caráter pacífico. Reduzimos a cinzas as invenções estúpidas de que tememos o intercâmbio com os estrangeiros.

Na realidade é até mesmo ridículo pensar que os comunistas possam temer o intercâmbio com os países capitalistas. Onde há o regime social melhor — na União Soviética ou nos países capitalistas? Quais são as idéias mais elevadas — as nossas, marxistas-leninistas, ou as idéias do mundo capitalista que, é verdade, teve grandes idéias na época da Revolução francesa, mas, no caso de sua vida, viu-se privado de idéias progressistas? Os velhos ideais se tornaram obsoletos, enquanto que novos ideais que visam ao progresso da humanidade, o regime capitalista não os tem hoje e não os pode ter, porque se trata de um regime obsoleto que já se encontra a reboque da história. (Animação na sala. Aplausos)

Não é ridículo ver o Ocidente se vangloriar de sua liberdade e democracia? Que comparação pode haver entre a democracia burguesa e a democracia proletária, socialista, democracia para todo o povo, que dá ao homem liberdade total e real, enquanto a democracia burguesa, defendendo uma liberdade formal, consolida e defende a exploração do homem pelo homem!

No informe de balanço do C.C. se fala, de maneira inteiramente justa, do democratismo socialista soviético, incomparavelmente superior a qualquer democratismo burguês.

Só a classe operária — força dirigente da sociedade moderna — e só o Partido Comunista, portador de sua ideologia têm e podem ter ideais realmente progressistas. Não há idéias mais progressistas do que as idéias do marxismo-leninismo. (Aplausos)

Passou-se a época em que o país soviético se achava isolado, em que éramos um oásis do cerco capitalista. Hoje nem se pode falar nisto. Atualmente, existe, ao lado do sistema de países capitalistas, o sistema de países socialistas unidos pelo vínculo da eterna amizade, pela comunidade de destinos históricos, pela unidade de aspiração à salvaguarda da paz em todo o mundo. Hoje, já não podem unicamente as grandes potências ocidentais, resolver nenhum problema internacional importante, sem considerar a opinião da União Soviética, da China e de todos os países do socialismo. A grandeza da força do mundo do socialismo, reside não só no fato de que treze países da Europa e da Ásia, com uma população de quase um bilhão de pessoas já constroem o socialismo.

Sua força reside também em que em muitos países onde domina o capitalismo as idéias socialistas abrangem imensas massas da população trabalhadora e, em conjunto com estas, a maioria da humanidade. A maior parte da população do mundo se encontra sob a bandeira do socialismo — ou constrói o socialismo (e na União Soviética ele já está construído) ou luta pelo direito de construí-lo.

Se, há cem anos, Marx e Engels afirmavam: «Um espectro percorre a Europa, o espectro do comunismo», já hoje não se trata de um espectro e sim do comunismo em carne e osso, palpável e próximo para milhões e milhões de trabalhadores e que com passo firme percorre irresistivelmente não só a Europa, como todo o mundo e fala a plena voz, de maneira a ser entendido por todos. (Aplausos) A influência das idéias do comunismo sobre toda a vida contemporânea da sociedade humana aumentou consideravelmente.

Sob o ponto de vista da luta contra o imperialismo e o colonialismo, contra a guerra e contra a ameaça de guerra, pela paz entre os povos, por sua liberdade e independência, pode-se afirmar com audácia que já a esmagadora maioria da humanidade luta conosco nessa frente. Isso define a modificação fundamental da correlação entre as forças da paz e da guerra, entre as forças do socialismo e do capitalismo em todo o mundo. Já hoje de forma alguma se pode afirmar que o capitalismo seja mais forte do que o socialismo, somente por que muitos países ricos e bem armados continuam sendo capitalistas. Na consciência da humanidade o socialismo é, já hoje, incomparavelmente mais forte do que o capitalismo.

Eis porque, não somos nós os que devemos temer a luta entre as idéias do socialismo e do capitalismo, eis porque nosso Partido e seus representantes, os camaradas Kruschiov e Bulgânin durante sua permanência na Índia, Birmânia e Afeganistão com tanta audácia colocaram no pelourinho o colonialismo e declararam francamente que somos contra a guerra, pela emulação entre os dois sistemas sociais, pela luta entre as duas ideologias num ambiente de coexistência pacífica. (Aplausos)

Devemos dizer em relação ao problema da coexistência, algumas palavras sobre o comércio internacional. Os americanos são prisioneiros de sua própria ficção de que com as limitações impostas ao comércio com os países do socialismo conseguirão, embora em certa medida, frear o desenvolvimento da União Soviética, da China e dos outros países de democracia popular.

No entanto, até mesmo no Ocidente, são poucas as pessoas que, hoje, acreditam nisso. Todos percebem que atualmente a economia socialista mundial, produz quase tudo que lhe é necessário e, em relação aos tipos fundamentais de mercadorias sua produção atende às necessidades atuais dos países que a constituem. E constata-se, por exemplo, que os países ocidentais, deixando-se amarrar de pés e mãos pelas proibições de comércio com a China, colocaram-se a si próprios à margem de um problema tão importante como a industrialização da China, o que poderia livrar alguns dólares da redução da produção num período de crise inevitável.

Estamos firmemente convictos de que uma coexistência pacífica, sólida, é inconcebível sem o comércio, que constitui uma boa base para isso, também após a formação dos dois mercados mundiais.

A existência de dois mercados mundiais — o socialista e o capitalista — não só não exclui, mas, pelo contrário, pressupõe, o desenvolvimento de um comércio reciprocamente vantajoso entre todos os países. A compreensão justa deste problema tem tanto importância de princípio do ponto de vista de coexistência entre estes dois mundos, como significação prática econômica.

Partimos da consideração de que nosso comércio com os países capitalistas é proveitoso para ambos os lados e conta com premissas objetivas para um maior desenvolvimento. Isto é condicionado pela própria necessidade da divisão social do trabalho, pela tese amplamente conhecida de que não é vantajoso a todos os países produzir todos os tipos de mercadorias. Num país é mais fácil produzir certos artefatos; em outro país será mais fácil produzir mercadorias diferentes, porque são desiguais o nível de desenvolvimento de certos setores, a influência dos hábitos adquiridos pela classe operária, as tradições de produção, etc. Nesse sentido, o comércio internacional sempre foi e continua a ser — até mesmo em grau sempre crescente — expressão da divisão racional do trabalho entre os povos.

A possibilidade do desenvolvimento pacífico da revolução socialista em determinados países

Camaradas:

Entre os problemas teóricos abordados no informe do C.C. o mais agudo e importante é a questão de saber se é obrigatório que sempre, em todos os países e em todas as condições a revolução socialista se realize por meio de uma insurreição armada ou se é possível também o desenvolvimento pacífico da revolução.

É justa a concepção bastante difundida de que a Revolução socialista se acha sempre ligada a uma sangrenta guerra civil? Estas questões são importantes ainda que apenas pelo fato de que os ideólogos e os propagandistas do capitalismo apresentam os comunistas como sanguinários que sempre e em toda parte são propensos à violência e que procuram, custe o que custar, desencadear a guerra civil. Declaram que tudo isto são idéias inerentes à ditadura do proletariado, companheiros inevitáveis da luta pelo comunismo. Com isso sempre procuraram e procuram criar um terrível espantinho para as massas populares e buscam aterrorizar os povos que de maneira espontânea e consciente, se voltam para as idéias do socialismo.

Quais são nossas opiniões a respeito desses problemas?
(CONTINUA)

DISCURSO NO XX CONGRESSO DO P.C.U.S.

O informe do camarada Kruschlov contém uma resposta clara a esta questão.

Sabemos que até a primeira guerra mundial, os bolcheviques viam na insurreição armada o caminho para a vitória da revolução na Rússia. No auge da primeira guerra mundial, os bolcheviques formularam a palavra de ordem de transformação da guerra imperialista em guerra civil. Nossa posição era justa e correspondia à realidade porque a transformação da guerra imperialista em guerra civil era o único meio de conseguir deter a carnificina mundial, de conseguir a paz e a liberdade para os povos.

Como resultado da revolução de fevereiro os trabalhadores da Rússia conquistaram liberdades democráticas, não existentes até mesmo nos Estados Unidos, considerados então como o país mais democrático. Levando em conta a modificação da situação, em suas célebres Teses de Abril, Lênin formulou a palavra de ordem de tomada do poder pela classe operária e da realização da revolução socialista por meio pacífico, através da conquista da maioria nos Soviotes.

Somente após os acontecimentos de julho de 1917, quando uma manifestação pacífica dos operários foi esmagada nas ruas de Petrogrado pelo governo provisório, a palavra de ordem do desenvolvimento pacífico da revolução foi retirada, porque a situação se modificara. A violência da burguesia que preparara o complot de Kornilov era necessário responder pela violência e tomar o poder por meio da insurreição.

Na realidade, porém, a Revolução de Outubro realizou-se quase pacificamente porque nessa época, a maioria se tornou revolucionária tanto no Congresso dos Soviotes como em muitos sovietes, o que permitiu a estes tomarem o poder sem uma séria carnificina.

Lênin e os bolcheviques não apelaram para a guerra civil, para a violência, também depois de outubro. Não. O Partido apontou imediatamente o caminho do desenvolvimento pacífico para a Rússia. Além disso, Lênin apelou para o acordo no domínio da economia com os capitalistas russos e estrangeiros, com aqueles que quisessem trabalhar sob o controle do poder soviético, Lênin propôs fazer concessões aos capitalistas estrangeiros e lhes propôs a participação em empresas de tipo de capitalismo de Estado.

Como, porém, iniciou-se a guerra civil que causou tantos tormentos a nosso povo?

Todo mundo sabe que as potências imperialistas foram as iniciadoras da guerra civil, que a sangrenta guerra civil não foi provocada pela revolução e sim pela contra-revolução, não pela vontade dos bolcheviques e sim contra a nossa vontade.

Quais são, porém, as conclusões a que se pode chegar do que afirmamos acima? Quando e em que Lênin teve razão?

Quando ele, antes da primeira guerra mundial e no período da guerra, apelava para a insurreição armada e exigia a transformação da guerra imperialista em guerra civil? Ou quando, nos primeiros meses da revolução de fevereiro, formulou a palavra de ordem de desenvolvimento pacífico da revolução? Ou quando, após os acontecimentos de julho, novamente formulou a palavra de ordem da insurreição armada?

Quando teve razão e em que? A resposta só pode ser uma — Lênin teve razão em todos os casos.

Em todos os casos Lênin não partiu de dogmas, não se afezava a palavras de ordem que haviam perdido a força, mas atendia às exigências da vida, que não podem permanecer imutáveis. As palavras de ordem do dia eram formuladas por Lênin de acordo com a análise exata da real correlação entre as forças de classe, e com uma profunda compreensão das tendências do desenvolvimento dessa correlação. Assim, e somente assim, deve proceder o marxista, porque de outra forma as palavras de ordem transformam-se em dogmas mortos, que impedem o Partido proletário de dirigir o movimento. Lênin sempre manifestava vigilância a este respeito e ressaltava que «Toda palavra de ordem adquire a capacidade de perdurar mais do que o necessário» (Obras, tomo 28, pág. 203.)

Assim aconteceu em nosso país. Marx, Engels e Lênin partiam dos mesmos princípios ao abordar esse problema também em relação a outros países. Eles assinalaram sempre que tudo depende do período de desenvolvimento, da correlação entre as forças de classe e da situação concreta.

Na década de 70 do século passado, Marx considerava que «quebrar a máquina burocrática e militar do Estado» era a condição preliminar para qualquer revolução realmente popular na Europa. Admitia como exceção a Inglaterra e os países de além-mar em que a classe operária podia, naquela época, chegar ao poder por meios pacíficos, através da conquista da maioria parlamentar. Num comício realizado em Amsterdam, no ano de 1872, Marx referiu-se a conquista do poder:

«... nunca afirmamos que meios invariavelmente iguais levarão a este objetivo.

Sabemos ser necessário levar em conta as instituições, os costumes e as tradições de certos países. E não negamos a existência de países, como a América, a Inglaterra, e se eu conhecesse melhor vossas instituições talvez acrescentasse também a Holanda, nos quais os operários poderão chegar a seus objetivos por meios pacíficos.

No entanto, se assim é, devemos também reconhecer que na maioria dos países do continente, a força deve servir de alavanca para a nossa revolução; é justamente a força aquilo a que deveremos recorrer em determinado momento para estabelecer definitivamente o domínio do trabalho. (Marx, F. Engels, Obras, 1ª edição, tomo 13, parte II, pág. 669.)

Assim é que Marx encarava os caminhos para o desenvolvimento da Revolução nos diversos países.

Em 1917, Lênin escreveu que na nova situação em que se encontrava o capitalismo monopolista, por força do aumento do aparelho policial e burocrático na Inglaterra e nos Estados Unidos, esta restrição feita por Marx desaparecia; Lênin criticou severamente Kautsky e outros renegados que procuravam apegar-se às afirmações de Marx acima mencionadas, exaltar o «Caminho pacífico» — que eles, além disso, compreendiam à sua maneira, de modo reformista, — em princípio para todos os países e para todas as épocas, e afastar o proletariado da luta revolucionária pelo poder.

Assim, o modo de conquistar o poder não pode ser idêntico para países diferentes, em épocas diferentes e com uma situação internacional diferente. Tudo depende da correlação concreta entre as forças de classe, do grau de organização da classe operária e de seu adversário, da capacidade da classe operária, de atrair os aliados — em primeiro lugar o campesinato — para as suas posições; é necessário, também, levar em conta as instituições, os costumes e as tradições nos diferentes países.

Nesse sentido Lênin chamava a atenção para o seguinte: «Marx não se atava as mãos — e aos futuros promotores da revolução socialista — a respeito das formas, dos métodos e meios para a revolução, compreendendo muito bem a grande quantidade de problemas que então surgiriam, a modificação de toda a situação no transcurso da mesma, como a situação se modificaria com frequência e profundamente no transcurso da revolução» (Obras, tomo 32, pág. 316.)

Eis a concepção leninista, o modo leninista de abordar os problemas da tática do proletariado na luta revolucionária.

Marx e Engels consideravam que, historicamente, a questão se apresentava de maneira que a lei, o caminho principal para a conquista do poder pelo proletariado seria a insurreição armada para a maioria esmagadora dos países. Quanto ao caminho pacífico, consideravam-no como uma exceção favorável aos trabalhadores e nunca desprezaram essa possibilidade. Lênin sempre ressaltou que a classe operária preferiria, evidentemente, tomar pacificamente o poder em suas próprias mãos. (Obras, tomo 4, pág. 254.)

Nesse sentido é importante observar que Lênin considerava que naqueles países em que o proletariado foi forçado a recorrer à violência, a característica fundamental e constante da revolução e a condição para sua vitória é o trabalho organizado, criador e não a obra de destruição. Lênin afirmou, em discurso de homenagem a memória de I. M. Svêrdlov:

«Não há dúvida de que sem esse recurso — sem a violência revolucionária — o proletariado não poderia vencer, mas também não pode haver dúvida de que a violência revolucionária representou o método necessário e legítimo para a revolução apenas em determinados momentos de seu desenvolvimento, apenas com a existência de condições determinadas e particulares, enquanto que uma característica muito mais profunda e permanente dessa revolução, e condição para sua vitória, foi, e continua a ser, a organização das massas proletárias, a organização dos trabalhadores. Na organização de milhões de trabalhadores consiste a melhor condição para a revolução, a fonte mais profunda de sua vitória». (Obras, tomo XXIX, pág. 70.)

A situação no mundo modificou-se essencialmente desde a época de Lênin. Isso permite a nosso C.C. levantar de maneira nova, em nova situação, o problema das formas de transição para o socialismo em diferentes países, partindo das mesmas posições de princípios, marxistas-leninistas.

O surgimento, o crescimento e o reforço do poderoso campo do socialismo é o principal fator para modificações fundamentais na situação internacional. Na União Soviética está construída a sociedade socialista, a grande China e os países de democracia popular marcham a passos rápidos pelo caminho da construção do socialismo. O sistema socialista mundial estabeleceu-se, fortaleceu-se e desenvolveu-se, enquanto o sistema mundial do capitalismo se encontra em situação de crise, enfraqueceu-se e perde uma posição após outra.

O sistema colonial, anteriormente importante reserva do capitalismo, desagrega-se cada vez mais. Tomaram o caminho do desenvolvimento independente os povos da Índia, Birmânia, Indonésia e Egito; lutam pela liberdade e pela independência total todos os povos dos países coloniais e dependentes da Ásia, África e da América Latina. Elevou-se o nível de organização e de consciência da classe operária nos países capitalistas.

Analisando a questão dos caminhos que a revolução deve tomar no período atual, também nós devemos, hoje, como fizeram em sua época Marx e Lênin, partir de um exame preciso da correlação entre as forças de classe tanto em cada país como em escala mundial. Todos compreendem que em nossa época nenhum país pode desenvolver-se isoladamente sem submeter-se a certa influência exercida por outros países.

Já Lênin previa que num pequeno país burguês, em virtude da existência de vários países socialistas, a passagem ao socialismo pode realizar-se por meios pacíficos. Lênin dava a entender que se deve considerar não só a correlação entre as forças de classe num só país isoladamente, mas também a existência do socialismo vitorioso nos países vizinhos.

Em relação a tudo isso, o Informe de balanço do C.C. chega à conclusão de que, nas condições atuais, surge para certos países a possibilidade real do caminho pacífico da passagem ao socialismo. Em outras palavras, graças à correlação entre as forças de classe no país e à situação geral favorável caracterizada acima, a classe operária tem, em certos países, a possibilidade de, em aliança com o campestre,

nato, unir sob sua direção a maioria do povo e chegar ao poder por meios pacíficos, sem a insurreição armada, sem a guerra civil, utilizando as instituições parlamentares existentes. O caminho pacífico para o desenvolvimento da revolução só é possível, evidentemente, como resultado da força, do grau de organização e de consciência da classe operária.

Em outros casos, quando a burguesia possui uma potente máquina militar e policial, nunca deixa de impor ao proletariado a luta armada para defender seu domínio. O proletariado deve estar de antemão preparado para essa situação.

As teses teóricas do marxismo-leninismo revolucionário, confirmadas pela vida, convenceram-nos de que o Comitê Central resolve o problema de maneira justa. A revolução socialista venceu em mais de 10 países após a morte de Lênin. Como, porém, isto aconteceu?

Vejamos a China. A guerra civil neste grande país durou dezenas de anos. Ali, durante longo tempo verificaram-se penosos combates travados pelos exércitos revolucionários, contra os imperialistas estrangeiros e as forças contra-revolucionárias dos latifundiários e da burguesia compradora. O proletariado e seu Partido Comunista, após conquistarem situação dirigente e após vencerem, pela luta armada, na revolução antifeudal e ant imperialista, asseguraram a possibilidade para a passagem às transformações socialistas por via pacífica.

O leninismo dominou os espíritos e os corações de milhões dos melhores homens da China. Apontando ao povo chinês o caminho seguro para o socialismo, o leninismo floresceu também no solo chinês e enriqueceu-se com a experiência da grande revolução chinesa. (Aplausos.)

Desejamos aos comunistas chineses êxito completo na construção do socialismo nesse grande país do oriente. (Aplausos.)

Na Iugoslávia a marcha da revolução nos apresenta um quadro peculiar. Desde o início da guerra da Alemanha fascista contra a União Soviética, o P.C. da Iugoslávia chefou a insurreição contra o jugo fascista; uma parte da burguesia iugoslava emigrou, desistindo de lutar contra o fascismo, enquanto a outra parte aderiu aos fascistas, tornando-se cúmplice do regime de ocupação. E' por isso que o movimento de guerrilhas ocorrido na Iugoslávia contra o fascismo fundiu-se à guerra civil contra a burguesia e os latifundiários que haviam traído seu país.

A vitória da revolução iugoslava é a fonte de nossa crescente amizade e união fraternal com o Partido dos comunistas iugoslavos e o povo iugoslavo, que com êxito constroem o socialismo. (Aplausos.)

A revolução na Tchecoslováquia verificou-se de maneira diferente. Por força da situação favorável existente no após-guerra na Tchecoslováquia, a revolução socialista realizou-se por meios pacíficos; os comunistas chegaram ao poder, em aliança não só com os partidos de trabalhadores, como também com os partidos burgueses que apoiavam a frente única nacional. O povo da Tchecoslováquia venceu no caminho do desenvolvimento pacífico da revolução.

De maneira própria, mas também sem guerra civil, a classe operária na Bulgária, România, Hungria, Polónia e outros países de democracia popular alcançou a vitória na revolução socialista.

Assim, a marcha da história demonstrou de maneira mais irrefutável a justeza dos mestres do comunismo ao preverem, além do caminho da insurreição armada, também o caminho pacífico para o desenvolvimento da revolução.

Os partidos comunistas irmãos dos países capitalistas possuem inesgotável tesouro de conhecimentos: a teoria do marxismo-leninismo, sua rica escola de experiência prática e as lições das históricas vitórias conquistadas pelo nosso país, pela China e pelos demais países de democracia popular.

Poderá haver cálculos teóricos, dogmáticos, ou pessoas superficiais que perguntarão: nessa maneira de abordar o problema qual é a diferença entre o marxismo e o reformismo? Não se estará aí tomando o caminho escolhido pelos revisionistas do marxismo? Os reformistas e revisionistas sempre procuraram, antes como agora, limitar a luta da classe operária a pequenas reformas, a concessões do capital em proveito do trabalho, só para facilitar um pouco as condições de vida dos operários sob o capitalismo, mantendo inabalável o domínio do regime capitalista. No fundo, foram e continuam a ser apologistas do capitalismo; não são revolucionários e sim evolucionistas que fogem à revolução, à tomada do poder pelos trabalhadores, julgando que, por meio de «conquistas» miúdas e insignificantes, poder-se-á não se sabe quando, ao cabo de muitos anos, chegar ao socialismo. Talvez alguns dêles não pensem assim, mas é assim que enganam o povo. (Animação na sala.)

São conhecidas as ocasiões em que alguns partidos socialistas conquistaram a maioria no parlamento. Até mesmo governos socialistas existiram em vários países e continuam a existir. No entanto, também aqui, a questão se limita a concessões isoladas em proveito dos operários e nenhum socialismo é construído. E' necessário que a direção exercida pelo Estado sobre a sociedade passe para as mãos da classe operária, que a classe operária esteja não só organizada, mas também preparada política e teoricamente para a luta pelo socialismo, a fim de que não se satisfaça com migalhas que sobram da mesa dos capitalistas e sem que, conquistando a maioria, tome o poder e acabe com a propriedade privada sobre os meios de produção fundamentais.

O materialismo histórico ensina que a substituição do capitalismo pelo socialismo, a substituição da sociedade de classes pela sociedade sem classes é um salto revolucionário. Essa passagem é, em essência, a substituição revolucionária (CONTINUA)

DISCURSO NO XX CONGRESSO DO P.C.U.S.

de um regime social por outro regime social. Por isso, toda passagem do capitalismo ao socialismo, é uma reviravolta nas relações sociais, uma revolução mais aguda ou menos aguda, mas uma revolução pela qual devem passar todos os povos. A tomada do poder pelo povo, a passagem da propriedade dos meios de produção, da forma privada para a social, é uma grandiosa revolução na história.

Por isso, não se pode confundir o problema da possibilidade do desenvolvimento pacífico da revolução em certos países com o reformismo. É preciso ter em mente que a revolução — pacífica ou não — sempre será uma revolução, enquanto que o reformismo é sempre marcar passo inutilmente no mesmo lugar. Por isso, para vencer, a classe operária deve lutar incansavelmente contra o reformismo e contra as ilusões por este originadas em suas próprias fileiras.

A guerra é inevitável?

Merece atenção o problema, abordado no Informe do C.C., da inevitabilidade da guerra, da coexistência estável e pacífica entre os dois sistemas.

Sabe-se que o leninismo parte do princípio de que a própria essência do imperialismo é a fonte dos conflitos e das guerras entre países concorrentes e que lutam pelos mercados e pela partilha das colônias. Enquanto existir o imperialismo, essa tendência se manifestará e o perigo de guerra existirá.

É possível, nas condições atuais, a guerra entre as potências imperialistas, ou entre grupos de potências imperialistas? Sim, é possível. Consideremos um segundo problema. Existe o perigo de os países imperialistas atacarem os países do socialismo? Não há dúvida de que existe. Enquanto o socialismo não conseguir, em todo o mundo, uma superioridade esmagadora sobre o capitalismo esse perigo existirá.

Surge, então, a seguinte questão: uma nova guerra é hoje uma fatalidade inevitável? Em outras palavras, é possível evitar a guerra ou não? O Informe do C.C. responde a esta questão de maneira clara.

Também nas condições atuais permanece em vigor a tese leninista de que, enquanto existir o imperialismo, mantém-se a base econômica para o desencadeamento da guerra. Mas, a guerra não é fatalmente inevitável. Isto é determinado por certas condições históricas que caracterizam a correlação de forças existentes no mundo, no momento atual. Essas condições surgiram e se consolidaram depois da segunda guerra mundial.

Contra a guerra e a favor da paz manifestam-se atualmente a União Soviética, a China Popular e os demais países de democracia popular. Não há dúvida alguma a esse respeito. Trata-se de uma grande força, com a qual não se pode deixar de contar. Os povos da Ásia e da África que se libertaram do regime colonial e um país como a Índia são contra a guerra e pela paz. Acabaram de se libertar do domínio estrangeiro e temem com justa razão que uma nova guerra possa colocá-los novamente sob o jugo do colonialismo. Desejam progredir por suas próprias forças, livremente, não necessitam da guerra; ao contrário, necessitam da paz para poderem progredir. São nossos aliados nessa questão, no problema da paz.

Em muitos países europeus, como, por exemplo, a França e a Itália, há uma classe operária desenvolvida que goza de grande influência entre o povo e que é pela paz e contra a guerra.

Os operários de todos os outros países, os camponeses, os trabalhadores, considerável parte da intelectualidade e parte da burguesia, não desejam uma nova guerra, porque conhecem toda a sua força destruidora e aprenderam com a amarga experiência da guerra passada. Trata-se de um fator muito importante.

Há, porém, digamos, grandes monopólios imperialistas — como nos Estados Unidos — aos quais a guerra não impõe sacrifícios, mas, ao contrário, é uma fonte de superlucros, e que são propensos a desencadeá-la, embora o povo americano seja contrário à guerra. Mas estes são contidos não só pela opinião pública, pela grande força militar dos países do socialismo, como por uma circunstância nova e importante: o fato de não só os americanos, mas também a União Soviética, possuírem bombas atômicas e de hidrogênio, e os meios de conduzir estas bombas a qualquer ponto do globo terrestre, em aviões ou foguetes.

Em nenhuma guerra anterior, nenhuma bomba ou obús de país estrangeiro atingiu a terra americana, suas cidades e fábricas, e não poderiam atingir porque não o permitiam as possibilidades da técnica. Hoje, essa possibilidade é real. Em caso de agressão americana, como represália, bombas de hidrogênio poderão atingir cidades dos Estados Unidos, e os imperialistas americanos não conseguirão esconder-se delas, não conseguirão evitar que suas fábricas sejam atingidas. Desta vez não há dúvida alguma de que a guerra não será para eles uma fonte de enriquecimento: como resultado da guerra, só poderão conseguir destruição e extermínio.

Achamos que, se alguém tentar lançar uma bomba de hidrogênio ou atômica, os melhores representantes da humanidade não permitirão que a civilização pereça: unir-se-ão imediatamente, colocarão os agressores em camisas de força e finalmente acabarão com as guerras e, ao mesmo tempo, com o capitalismo. (Prolongados aplausos)

A guerra de hidrogênio ou atômica pode causar grandes destruições mas não poderá causar o extermínio da humanidade ou de sua civilização: abolirá o regime obsoleto e nefasto — o capitalismo em sua fase imperialista.

O meio decisivo para garantir uma paz duradoura é o desarmamento, a destruição das bombas de hidrogênio e atômicas, a coexistência pacífica pela qual lutamos e contribuiremos a lutar.

Enquanto, porém, os Estados Unidos se opuserem à proibição da arma atômica e de hidrogênio, enquanto não se conseguir o desarmamento, somos forçados a manter nossos armamentos no nível devido, inclusive os tipos de armas mais poderosos e modernos, baseados nas últimas conquistas da ciência e da técnica.

Quanto mais forte for o campo do socialismo, tanto maiores serão as probabilidades de que o movimento mundial pela paz conquistará vitórias e de que os agressores não ousarão desencadear a guerra.

É por isso que, no Informe do C.C., se afirma que a guerra não é fatalmente inevitável. A história ingressou hoje numa fase em que, embora o perigo de guerra permaneça e a guerra possa ser desencadeada, criaram-se, porém, condições e possibilidades para não permitir o desencadeamento da guerra e para assegurar não só e simplesmente uma paz prolongada e sim uma paz estável, sob a condição obrigatória de que os povos lutem incessantemente pela paz, contra o perigo de guerra e sejam vigilantes em relação a uma possível agressão.

Quando se fala de uma paz prolongada, de uma coexistência prolongada, algumas pessoas fazem, legitimamente, a seguinte pergunta: até quando, porém, haverá esta paz prolongada, esta coexistência prolongada?

Nossos inimigos interpretam isso da seguinte maneira: apresentam as coisas como se nós, comunistas, fôssemos em última instância, pela guerra, pela extensão do comunismo a todo o mundo através da guerra; mas como por enquanto — afirmam eles — não estamos preparados para isto, desejamos a coexistência pacífica provisoriamente, para atacarmos quando estivermos bem preparados e implantar o comunismo de armas nas mãos. Eis a «concepção teórica» de nossos inimigos, dirigida contra nós. É uma calúnia contra nossa política. O comunismo não necessita da guerra. É contra a guerra, as idéias do comunismo vencerão também sem guerra. (Aplausos)

E a essência dessa nossa atitude em relação à guerra, não está apenas no humanismo dos homens soviéticos, em seus sentimentos de amizade para com todos os povos. As necessidades da construção vitoriosa do comunismo estão em franca contradição com a política da corrida armamentista, com o gasto de forças materiais e espirituais em objetivos militares.

Mal havia nascido o poder soviético e já o seu primeiro decreto foi o decreto sobre a paz. Como chefe do governo soviético, V.I. Lênin não se cansava de propor a paz e o estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os países.

Lênin afirmou: «O que mais prezamos é a manutenção da paz...» (Obras, tomo 32, pág. 94). «Os operários e camponeses da Rússia colocam acima de tudo o bem da paz...» (Obras, tomo 33, pág. 125). «Somos pela aliança com todos os países sem exclusão de ninguém». (Obras, tomo 30, pág. 311).

Em fevereiro de 1920 Lênin afirmou: «Desejamos que os capitalistas americanos não nos toquem. Nós não os incomodaremos». (Obras, tomo 30, pág. 340)

As palavras e os preceitos de Lênin sobre a paz são sagrados para nós. Estamos prontos a repeti-los constantemente. (Aplausos) E nossos amigos os conhecem bem. Desejamos que eles sejam ouvidos, apreciados em seu justo valor e bem compreendidos também pelos nossos inimigos, por aqueles que se opõem ao desejo dos povos de estabelecer uma sólida amizade com o povo soviético.

A paz nos permitirá a nós e aos países em que o socialismo venceu, construir o comunismo em prazo mais curto. A guerra só poderá retardar nosso progresso econômico, como aconteceu na guerra patriótica.

Tarde ou cedo, as idéias do comunismo abrirão caminho para os corações de todos os povos e se consolidarão em todo o mundo. A justa colocação marxista-leninista do problema da guerra e da paz no Informe do C.C. representa um papel histórico no reforço da organização da luta mundial das forças da opinião pública contra a guerra, pela paz e contribuirá cada vez mais para essa causa nobre e humana. (Aplausos)

Elevar a um novo nível o trabalho ideológico

Desejaria também fazer certas considerações quanto ao problema da atividade de nossos comunistas no trabalho ideológico.

Falando claramente, parte da culpa pelo estado insatisfatório do trabalho ideológico deve ser atribuída à situação criada para a atividade científica e ideológica em vários anos anteriores. Não há dúvida, porém, de que certa culpa por nosso sério atraso na frente ideológica recal sobre os próprios militantes dessa frente.

Lamentavelmente, durante os últimos quinze a vinte anos, muito pouco recorremos ao tesouro das idéias leninistas para compreender e explicar tanto os fenômenos da vida interna de nosso país, como da situação internacional. Isso se verificava, evidentemente, não porque as idéias leninistas tivessem se tornado obsoletas ou insuficientes para explicar a situação contemporânea.

O leninismo, que constitui o desenvolvimento criador do marxismo na época do imperialismo e das revoluções proletárias, conserva e conservará toda a sua importância tanto científica, teórica e política, como prática.

As idéias geniais de Lênin sobre as leis que regem o desenvolvimento social representam fonte inesgotável para a justa compreensão de muitos fenômenos atuais. Não resta dúvida de que sem Lênin não se pode compreendê-los, sem Lênin não se pode compreender a situação atual do mundo, as leis que regem o desenvolvimento do capitalismo em decomposição na época do imperialismo, os destinos da revolução proletária e sua vitória, e os meios de construir o socialismo e o comunismo.

Apoiando-se na doutrina eternamente viva do leninismo, nosso Partido, seu Comitê Central, os Partidos Comunistas e Operários estrangeiros empregam criadoramente esta doutrina ao analisarem os acontecimentos e fenômenos concretos da época contemporânea no desenvolvimento da sociedade e assim enriquecem o marxismo-leninismo.

No Informe de balanço do C.C. do P.C.U.S. faz-se uma clara análise da situação atual do capitalismo. Nos países capitalistas verificou-se ultimamente certo aumento da produção industrial. No entanto, este aumento ocorreu numa situação de maior aguçamento das contradições da produção capitalista, de maior instabilidade de sua economia.

A economia capitalista está em estado de super-tensão, o que pode provocar a eclosão de uma crise econômica. O sistema capitalista se enfraquece cada vez mais. Continua o processo mundial de redução do peso específico do capitalismo e de aumento do peso específico do socialismo na economia mundial.

A todos nós não pode deixar de interessar a situação atual do capitalismo, a questão de saber se o capitalismo é capaz de desenvolver-se no período da decomposição e da crise geral. É possível, hoje e amanhã, o progresso técnico e o aumento da produção nos países capitalistas?

A teoria da estagnação absoluta do capitalismo é estranha ao marxismo-leninismo. Não se pode considerar que a crise geral do capitalismo leve à paralisação do aumento da produção e do progresso técnico nos países capitalistas.

Ao analisarmos o estado da economia no capitalismo contemporâneo é duvidoso que nos possa ajudar, é duvidoso que seja correta a conhecida afirmação de Stálin, nos «Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S.», relativa aos Estados Unidos, Inglaterra e França, de que após o mercado mundial haver-se dividido, «o volume da produção diminuirá nestes países». Essa afirmação não explica os fenômenos complexos e contraditórios do capitalismo contemporâneo e o aumento da produção capitalista em muitos países depois da guerra.

Como já se falou a esse respeito no Informe do C.C., em 1916, em seu trabalho sobre o imperialismo, Lênin afirma, após haver analisado genialmente as leis que regem o imperialismo, que a decomposição do capitalismo não exclui o rápido aumento da produção, que certos setores da indústria, certos países manifestam na época do imperialismo, com maior ou menor vigor, ora uma ora outra dessas tendências.

Todos os fatos comprovam que não se podem considerar obsoletas, nessa ou naquela parte, essas teses de Lênin.

A propósito, não se pode deixar de observar que algumas outras teses dos «Problemas Econômicos» exigem uma análise severa e que nossos economistas as estudem profundamente, e as revejam, com espírito crítico, do ponto de vista do marxismo-leninismo.

A marcha da história atesta que todas as teses de princípio do marxismo-leninismo encontram confirmação invariável também na etapa atual do desenvolvimento do imperialismo. Não basta, porém, esta confirmação geral. É nosso dever estudar concretamente, quando, onde, em que grau e como isso se verifica.

É sério o nosso atraso no estudo da etapa atual do capitalismo. Não estudamos profundamente os fatos e as cifras, limitamo-nos, com frequência, a destacar, com objetivos de agitação, fatos isolados sobre sintomas da crise que se aproxima, sobre a pauperização dos trabalhadores, mas não fazemos uma análise multilateral e profunda dos fenômenos que ocorrem na vida dos países estrangeiros. Ao estudarem a economia da União Soviética e dos países de democracia popular, nossos economistas frequentemente deslizam pela superfície, sem ir ao fundo das questões, não

(CONTINUA)

DISCURSO NO XX CONGRESSO DO P.C.U.S.

(CONCLUSÃO)

fazer uma análise e generalização sérias, evitam esclarecer as particularidades do desenvolvimento de certos países.

Assim, quem, entre nós, se ocupa da elaboração, em profundidade, desses problemas? Havia em nosso país, antes da guerra, o Instituto de Economia e Política Mundial, mas foi abolido, e o único Instituto de Economia no sistema da Academia de Ciências, não dá conta, e não pode fazê-lo, do estudo profundo da economia, tanto dos países do socialismo quanto dos países do capitalismo. Há ainda, no sistema da Academia de Ciências, o Instituto que se ocupa dos problemas do Oriente, mas a seu respeito, se pode dizer que se todo o Oriente já se acha desperto em nossa época, esse Instituto continua a dormir até hoje. (Animação na sala. Risos.)

Já não chegou a ocasião de ele erguer-se ao nível das exigências de nossa época?

É difícil compreender a liquidação do Instituto de Orientalismo, em Moscou, que existiu 139 anos, e além disso, justamente no período em que nossas relações com o Oriente aumentam e se consolidam, em que com a ampliação das relações econômicas, políticas e culturais com os países do Oriente elevou-se consideravelmente o interesse da opinião pública soviética em relação aos mesmos, e a necessidade de pessoas que conheçam o idioma, a economia e a cultura dos países orientais.

Não se pode deixar de chamar a atenção para o fato de que, segundo se afirma, há nos Estados Unidos mais de uma dezena e meia de instituições científicas dedicadas ao estudo da economia soviética. Não me refiro a como estudam e ao que precisamente estudam, mas é fato que ali existe uma grande quantidade de economistas que se entregam à coleta de materiais relativos ao desenvolvimento econômico da União Soviética e ao seu estudo.

Devemos assinalar como sério êxito conquistado pelos nossos economistas a publicação do Manual de Economia Política e depois a publicação de sua segunda edição aumentada. Seria errado, porém, silenciar que os capítulos do Manual relativos à etapa atual do desenvolvimento do capitalismo — em particular a questão do caráter e da periodicidade das crises cíclicas e também as questões relativas à economia política do socialismo exigem estudos posteriores mais profundos. Sabemos que, para chegar às suas conclusões geniais, Marx coletou uma montanha de materiais estatísticos relativos à economia de todos os países, inclusive da Rússia. Conhecemos o esforço titânico desenvolvido por Lênin à procura de dados estatísticos, parcos na época, mas muito importantes, sobre o desenvolvimento econômico do país para escrever o livro sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia e também para preparar o livro sobre o imperialismo.

Sem uma análise minuciosa de todos os dados estatísticos, dos quais possuímos uma riqueza sem precedentes, maior do que a de qualquer outro país, sem sua sistematização, análise e generalização, nenhum trabalho científico e econômico é possível.

Lamentavelmente, os dados estatísticos ainda estão fechados a sete chaves na Direção Central de Estatísticas, e confiados ao camarada Starovskí. Os economistas continuam privados da possibilidade de elaborá-los e condenados ao papel de escolásticos e repetidores de velhas fórmulas, de velhos dados. É uma das causas que explicam porque nossos economistas não trabalham de maneira criadora. (Aplausos.)

Não se pode deixar de lado a observação de Lênin a respeito da importância da estatística. Lênin escreveu, já no começo de 1918:

«A estatística foi, na sociedade capitalista, objeto da alçada exclusiva de funcionários ou de especialistas estreitos. Devemos levá-la às massas, popularizá-la...»

Lamentavelmente tem-se a impressão de que também agora a observação de Lênin sobre os «burocratas» é justa em relação a alguns funcionários em cujas cabeças ainda existe essa sobrevivência da velha sociedade. (Animação na sala.) No informe do C.C. fala-se claramente da situação insatisfatória em que se encontra nossa atividade de propaganda. É uma das causas principais para que o marxismo-leninismo só seja estudado em nosso país, em regra geral, pelo compêndio de história do Partido. Isto, evidentemente, está errado. A riqueza das idéias do marxismo-leninismo, não pode ser exposta dentro dos limites estreitos dos temas da história de nosso Partido e muito menos de seu compêndio resumido. É necessário que para isso sejam criados compêndios teóricos especiais destinados aos camaradas com diferentes níveis. Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, o compêndio de história do Partido existente não nos pode satisfazer, ainda que apenas pelo fato de que não trata dos acontecimentos relativos a quase os últimos 20 anos da vida de nosso Partido. Será que se pode justificar a inexistência entre nós de uma história elaborada do Partido durante as últimas duas décadas?

Prossigamos. Se nossos historiadores comessem a estudar, real e profundamente, os fatos e acontecimentos da história de nosso Partido durante o período soviético, até mesmo aqueles contidos no compêndio, se eles consultassem bem os arquivos, os documentos históricos e não apenas os arquivos de jornais, poderiam agora esclarecer melhor, partindo das posições do leninismo, muitos fatos e acontecimentos expostos no compêndio.

Outra questão. Não é normal que passados quase 40 anos após Outubro, não possuamos nem um compêndio marxista-leninista, nem resumido e nem completo, sobre a his-

tória da Revolução de Outubro e do Estado Soviético, no qual, sem deformação, seja mostrado não só o aspecto exterior mas também toda a multilateral vida da pátria soviética.

Que gigantesca importância teórica e política teria um compêndio que esclarecesse, em todos os seus aspectos, o surgimento e o desenvolvimento do primeiro e Grande Estado Socialista do Mundo! Que importância isso teria para os nossos quadros e para os homens progressistas de todo o mundo! (Prolongados aplausos.)

A atividade científica no domínio da história de nosso Partido e da sociedade soviética é o setor mais atrasado de nosso trabalho ideológico.

Sabe-se que até recentemente estava em curso entre nós, e até mesmo serviam de modelos indiscutíveis, os livros de história de organizações tão grandes de nosso Partido como a da Transcaucásia e de Baku, nos quais os fatos eram desnaturados, certas pessoas eram engrandecidas arbitrariamente, enquanto que outras não eram de forma alguma mencionadas; acontecimentos de segunda ordem eram elevados à altura imerecida, enquanto que outros mais importantes eram subestimados, em que se desprezava o papel dirigente e orientador do Comitê Central leninista do Partido Bolchevique de antes da Revolução.

Não possuímos até hoje trabalhos marxistas autênticos sobre o período da guerra civil. Vários livros editados apresentam grandes falhas, não têm valor científico e alguns deles até mesmo podem representar papel negativo.

Certos historiadores não explicam alguns acontecimentos complexos e contraditórios da guerra civil de 1918-1920 pelas modificações na correlação das forças de classe em determinados períodos de tempo e sem por uma pretensa atividade de sabotagem desenvolvida então por certos dirigentes do Partido, injustamente declarados inimigos do povo muitos anos após os acontecimentos descritos.

Um historiador moscovita chega até mesmo a afirmar o seguinte: se não houvesse entre os dirigentes do Partido na Ucrânia o camarada Antonov OVSEENKO ou o camarada KOSSIOR, possivelmente não teria havido os movimentos chefiados por Makhnov e Grigoriev, Petliur não teria logrado êxito em certas ocasiões, não teria ocorrido a tendência a implantar comunas (fenômeno não só ucraniano mas geral em todo o Partido naquela época) e de repente — imaginem só — na Ucrânia teria sido seguida a orientação a que todo o Partido e o país chegaram como resultado da N.E.P.

Esses escritos históricos nada têm de comum com a história marxista, e se parecem mais à interpretação idealista, própria dos social-revolucionários, dos acontecimentos históricos. Penso existirem historiadores ucranianos capazes de escrever a história da origem e do desenvolvimento do Estado Socialista Ucraniano melhor do que alguns de Moscou que empreenderam esta tarefa, mas que talvez não o deveriam ter feito. (Risos no auditório.)

Desejariamos dirigir algumas palavras aos nossos filósofos. Não há dúvida de que eles próprios devem compreender que não estão em melhor situação e até mesmo, ainda devem mais ao Partido do que os historiadores e economistas.

Desejo referir-me também a nossos juristas. Devemos assinalar que a ciência jurídica soviética, as normas legislativas e processuais do primeiro período do poder soviético, enquanto Lênin vivia e alguns anos após sua morte, se desenvolveram mais rapidamente de acordo com as idéias do marxismo-leninismo, com os princípios da legalidade proletária socialista justamente refletido no programa de nosso Partido.

Não se pode afirmar o mesmo a respeito do período posterior e isso despertou um legítimo alarme no C.C. do P.C.U.S. que considerou inadivável interferir no assunto para corrigir a situação, partindo da necessidade de reforçar em toda a sua plenitude a legalidade socialista leninista, ao que se faz referência no informe do C.C.

No sentido econômico e político nosso país atingiu uma altura gigantesca. Estamos considerando um programa de progresso novo e ainda maior da economia.

Possuímos no Partido uma grande quantidade de quadros teoricamente preparados de economistas, historiadores, filósofos, juristas, pessoas que sabem de cor os trabalhos dos clássicos do marxismo-leninismo. No entanto, os frutos produzidos por estes conhecimentos são extremamente baixos e não constatamos entre nós um profundo trabalho criador marxista-leninista.

A maioria de nossos teóricos estão ocupados em repetir, de diferentes maneiras, velhas citações, fórmulas e teses, muitas vezes distorcendo-lhes o sentido.

O que é uma ciência sem espírito criador? Nada mais que escolasticismo, exercício escolar, e não ciência, porque a ciência é sobretudo o poder criador, é a criação do novo e não a repetição de lugares comuns. (Aplausos.)

Nossos cientistas e teóricos deveriam dedicar todas as suas energias ao estudo dos novos fatos apresentados pela nossa realidade, os novos acontecimentos e fenômenos no domínio do desenvolvimento econômico e social na U.R.S.S. e no estrangeiro, estudar estes fatos e fenômenos sob todos os seus aspectos, iluminá-los com a luz marxista-leninista, enriquecendo, assim, o tesouro ideológico do marxismo-leninismo.

Esperamos que o XX Congresso do Partido estimule a um sério impulso os trabalhadores da frente ideológica, que eles se entreguem realmente ao trabalho científico criador.

Trata-se de região inexplorada, necessária ao povo difícil, interessante e nonrosa.

Desejamos que os trabalhadores da frente ideológica saibam que o Partido não pode admitir que continuem atrasados em relação à vida.

Economistas, historiadores, filósofos e juristas devem acompanhar nossa vida, é seu dever acabar com o atraso no trabalho científico e assegurar o enriquecimento criador do marxismo-leninismo.

Camaradas:

O informe de balanço atesta o grande trabalho realizado pelo C.C., por todo o Partido Comunista, por todo o nosso povo soviético, no período entre o XIX e o XX Congressos do Partido, comprovando cabalmente que nos encontramos no caminho justo na grande causa da construção do comunismo.

Firmando-se na direção coletiva e na unidade do Partido Comunista, o Comitê Central revelou com audácia os erros e deficiências acumulados nos anos passados, marchou resolutamente para corrigi-los e extirpá-los em todos os setores da atividade política, econômica, cultural e na construção interna do Partido. Nisto reside a característica realmente leninista da atividade de nosso Comitê Central.

Não seria exagero afirmar que depois de Lênin, o XX Congresso é o Congresso mais importante, na história de nosso Partido. Todo nosso trabalho e todas as nossas decisões estão imbuidos do espírito leninista e do leninismo, como se Lênin vivesse e estivesse ao nosso lado. (Tempestuosos e prolongados aplausos.)

Sabemos da grande preocupação de Lênin, antes de nos deixar, pelos destinos de nosso Partido e da Revolução. O que ele mais temia era a cisão no Partido e a cisão na aliança entre a classe operária e o campesinato. Preocupava-se com os meios de evitar uma e outra. Estava convicto de que com a observância da unidade nas fileiras do Partido, de sua direção, com a manutenção e reforço da aliança da classe operária e do campesinato, a causa do comunismo é invencível.

Como Lênin se alegraria, se agora, após 32 anos, pudéssemos verificar a unidade orgânica e política nas fileiras do Partido e em sua direção, o florescimento das idéias do marxismo-leninismo, como é indestrutível e sólida a aliança entre a classe operária e o campesinato colcosiano. Veria que não só juramos em nome de Lênin, como também realizamos na prática, com todas as forças, as idéias leninistas e cumprimos religiosamente seus mandamentos. (Tempestuosos e prolongados aplausos.)

O XX Congresso de nosso Partido, suas decisões e o informe do Comitê Central, terão ampla e ardente repercussão no Partido, no país soviético e entre todos os nossos amigos no estrangeiro. Serão realizadas as novas e grandiosas tarefas que se apresentam ao Partido e ao país. Não temos nenhuma dúvida a respeito, disto estão convictos também nossos amigos. Que também nossos inimigos não tenham a menor dúvida nesse sentido.

O penhor de nosso movimento, para a frente, para o comunismo, como afirmou o nosso chefe e mestre imortal, Lênin, está sobretudo em que: «Apoiemo-nos na força mais maravilhosa do mundo — a força dos operários e dos camponeses». (Tempestuosos aplausos que se prolongam por muito tempo.)

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

AYDANO DO COUTO FERRAZ

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

SUCURSAIS:

SÃO PAULO — Rua dos Estudantes nº 84, sala 29, 2º andar — Tel. 37-4983.

PÓRTO ALEGRE — Rua dos Andradas, 1.646 — sala 74, 7º andar.

RECIFE — Rua Floriano Peixoto nº 85 — 3º andar — sala 326.

FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco nº 1.248 — sala 22 — Tel. 1-13-03.

SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe nº 67 — Edifício Zacarias — sala 203 (Calçada).

JOÃO PESSOA — Rua Duque de Caxias nº 558 — 1º andar — sala 3.

Fuderêço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZ PÉRIA

ASSINATURAS:

Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	Cr\$ 30,00
Trimestral	Cr\$ 15,00
Número avulso	Cr\$ 1,50
Número atrasado	Cr\$ 1,50

Este semanário é reimpresso em SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE e FORTALEZA.

RESOLUÇÃO DO BIRO EXECUTIVO DA FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

Como na Antiga CLC (Bahia)

PERSEGUIÇÕES NO S.M.T.C.

QUANDO a Prefeitura da capital balana encampou os serviços da Cia. Linha Circular de Carris da Bahia, criando o Serviço Municipal de Transportes Coletivos (S.M.T.C.) os altos funcionários da antiga empresa norte-americana, conhecidos perseguidores dos operários, foram mantidos em seus postos. Nesse caso estão os srs. Otelo Sartini, superintendente, e Oelias Almeida, chefe do tráfego.

O sr. Otelo Sartini, agora, vem tentando impedir que os trabalhadores do S.M.T.C. procurem os médicos do Instituto, quando adoecem. Quer que sejam atendidos, exclusivamente pelo médico do próprio S.M.T.C. e, quando um operário não atende a essa exigência, é perseguido, havendo casos até de suspensão, corte do repouso remunerado, etc. Além disso, o superintendente costuma confiscar as chapas dos operários suspensos e emprega a transferência de tabela como forma de perseguição. Essas perseguições, pelas quais também é responsável o chefe do tráfego, vêm causando revolta entre os trabalhadores que reclamam do prefeito da Capital medidas capazes de pôr fim.

(Do correspondente da VOZ no S.M.T.C.)

★
POR UM SALARIO MINIMO DE CR\$ 3.850,00 NO PARANA'

Reunidos em assembleia geral, em Curitiba, os representantes de deztoze sindicatos do Estado do Paraná resolveram lançar-se à campanha pelo aumento do salário-mínimo, na base de Cr\$ 3.850,00 em todo o Estado.

A proposta de aumento para Cr\$ 3.850,00 foi apresentada pelo ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Trigo, Milho e Mandioca, de Antonina, e delegado do Sindicato na Federação, sr. Pedro Antônio.

Depois de discutida, com a intervenção dos diversos representantes, foi a proposta aprovada, decidindo-se que os sindicatos devem empreender todos os esforços para torná-la vitoriosa. A proposta do sr. Pedro Antônio foi por este justificada com farta documentação e dados que demonstram corresponder o salário de Cr\$ 3.850,00 às necessidades de uma família de cinco pessoas, exclusivamente em alimentação. Na reunião, os dirigentes sindicais destacaram a necessidade de mobilizar todos os trabalhadores paranaenses para a luta.

O BIRO Executivo da Federação Sindical Mundial, reunido em Praga, de 13 a 16 de março, aprovou uma resolução na qual destaca que o anseio de unidade é, hoje, o traço mais característico do movimento sindical internacional. Na maioria dos países capitalistas e coloniais este anseio se expressa, antes de tudo, na intensificação das ações conjuntas dos trabalhadores por suas reivindicações vitais, no fortalecimento dos vínculos e da colaboração entre os trabalhadores, entre os ativistas e dirigentes sindicais e operários de todas as tendências, nas ações conjuntas que vários sindicatos realizam, em número cada vez maior.

O Biro declara que a eliminação de todos os obstáculos que se interpõem no caminho da unidade sindical internacional deve ser obra de todas as organizações filiadas à F.S.M. e à Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, assim como dos sindicatos autônomos, que devem mostrar-se dispostos a empreender conjuntamente a realização dessa tarefa.

O Biro saudou a atitude do Conselho Geral dos Sindicatos do Japão e da Central Unica dos Trabalhadores do Chile, que contribuem para o desenvolvimento da unidade internacional. Saudou a União dos Sindicatos da Iugoslávia e confirma a resolução anulando a decisão de 1950 a respeito dessa organização, por estar em choque com a política internacional de união de todos os sindicatos.

A resolução enumera, por fim, as reivindicações que constituem uma base firme para a união e a colaboração entre todas as organizações sindicais: aumento de salários e diminuição da jornada de trabalho; redução dos armamentos e alívio da tensão internacional; independência dos povos oprimidos; respeito aos direitos sindicais e às liberdades democráticas.

Lutam Por Aumento os Operários de Barretos

ESTÁ lutando por aumento de salários os trabalhadores nas indústrias de alimentação de Barretos (Estado de São Paulo). Na primeira quinzena de março, com a presença de centenas de operários, realizou-se uma assembleia do Sindicato, na qual foram adotadas resoluções com o fim de impulsionar a campanha por aquela sentida reivindicação de milhares de trabalhadores.

A assembleia discutiu, ainda, as modificações nos Estatutos do Sindicato.

Quando ao aumento de salários, foi resolvido que o Sindicato lutará por um aumento de Cr\$ 3,00 por hora para os operários em geral, por mais 50% nos salários dos menores e por um aumento de 5% em cada quinquênio. Foi decidido comunicar, imediatamente, a deliberação da assembleia aos empregadores, ao presidente da República e ao Ministério do Trabalho.

Servindo aos interesses dos patrões — entre os quais o Frigorífico Anglo — a polícia local procurou sabotar a realização da assembleia e a campanha pelo aumento dos salários, tomando medidas atentatórias à liberdade sindical. Antes da reunião, o presidente do Sindicato, sr. João Rodrigues, foi intimado a comparecer à delegacia, tendo a autoridade policial exigido comunicação prévia das assembleias sindicais e afirmado que mandaria policiais assistirem às mesmas, o que viola frontalmente as garantias constitucionais aos Sindicatos. Os trabalhadores estão dispostos a defender a liberdade sindical.

(Do correspondente da VOZ em Barretos)



TUDO PELO ÊXITO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS TRABALHADORES

DENTRO de algumas semanas reunir-se-á a I Conferência Nacional de Estudos e Defesa das Leis Sociais. Os trabalhadores brasileiros, os sindicatos e demais organizações operárias marcham para este conclave conscientes da imensa importância que lhe está reservada como fator de reforço e ampliação da unidade da classe operária. O grande apoio de massas que está obtendo a preparação do conclave evidencia que amadurecem, no seio do proletariado brasileiro, a idéia da unidade e a disposição de luta pela solução dos problemas com que se debatem as grandes massas trabalhadoras, no país.

É necessário compreender, profundamente, a importância da Conferência Nacional como contribuição aos esforços no sentido de fortalecer e unificar o movimento sindical, compreendendo que a unidade e a organização da classe operária repousam, em primeiro lugar, na unidade do movimento sindical. «A unidade sindical — diz, em recente editorial, o órgão do Biro de Informação dos Partidos Comunistas — reveste-se de enorme importância para a coesão da classe operária. Também os Partidos Comunistas e Operários dos países capitalistas consideram como uma tarefa essencial superar a divisão do movimento sindical. Esforçam-se por fazer participar, na vida ativa dos sindicatos, o maior número de operários não organizados, que constituem, nos países capitalistas, uma parte considerável do proletariado».

A compreensão disso levará, decerto, a venceremos o atraso que ainda se verifica na preparação da Conferência e que decorre, principalmente, do pouco esforço feito, em muitos Estados, para levar a Conferência aos sindicatos e às massas trabalhadoras nas empresas — sair dos limites de cúpula das comissões patrocinadoras. As comissões podem desempenhar um papel excepcional, desde que saibam atuar em estreita ligação com os sindicatos

e com massas, em função das massas. A experiência da preparação do conclave, em São Paulo, demonstrou, com particular vigor, que o êxito das conferências preparatórias depende, em primeiro lugar, de que elas se apoiem nos sindicatos, de que os próprios sindicatos, à frente das massas, as realizem. Somente apoiando-se nas organizações sindicais a Conferência Nacional dos Trabalhadores alcançará o almejado êxito e será um fator decisivo para a ampliação e o reforço da unidade sindical.

A resistência, ainda verificada em muitos lugares, a trabalhar com os sindicatos e com as massas, é fruto do sectarismo, evidencia que não foram de todo superados velhos hábitos e concepções errôneas no trabalho sindical, anteriores a 1952. «É impossível travar realmente a luta pela unidade da classe operária — assinala o editorial citado, do órgão do Biro de Informação — sem liquidar o sectarismo, radicalmente contrário ao espírito do leninismo. O sectarismo é incompatível com a luta consequente pela unidade da classe operária».

Compreendendo a imensa importância que está reservada à Conferência Nacional dos Trabalhadores, para o fortalecimento e a unidade do movimento sindical brasileiro — importante esteio da unidade da classe operária — cabe-nos não medir esforços no sentido de atuar no seio das organizações sindicais e das massas trabalhadoras nas empresas, de remover todos os obstáculos no caminho da unidade, visando assegurar o pleno êxito do conclave, contribuindo com todas as nossas forças para que ele seja realmente a expressão dos anseios de união e de luta dos milhões de trabalhadores brasileiros e de suas organizações.

VIOLA AS LEIS TRABALHISTAS

O FRIGORIFICO ARMOUR

O FRIGORIFICO ARMOUR, de Livramento (Rio Grande do Sul), empresa norte-americana, vem desrespeitando abertamente as garantias asseguradas aos trabalhadores pela legislação trabalhista. Não satisfeito com o método de contratar operários por 10 meses e menos, o que impede que o operário adquira direito a férias, indenização, etc., o Frigorífico está utilizando, agora, em larga escala, o sistema de "changui", isto é, o contrato para serviços chamados "eventuais". Os operários assim contratados não são incluídos nas folhas de pagamento, não contribuem para o IAPI, não têm qualquer direito e, quando adoecem, são completamente abandonados. Para iludir os trabalhadores, a empresa paga aos "eventuais" mais Cr\$ 0,50 por hora (Cr\$ 10,00 por hora, e Cr\$ 2,50 aos fixos). Os "eventuais" não têm qualquer garantia de trabalho. Podem trabalhar hoje e ser despedidos amanhã. Eles vão, sempre, para os portões da empresa, e ali esperam a chamada. Muitos sobram e têm que voltar para casa, depois de perder os Cr\$ 8,00 do transporte para o Frigorífico.

Falta de fiscalização do IAPI

A insalubridade do trabalho causa inúmeras vítimas. Julgando a reclamação de um velho operário da graxeira, o juiz Carlos Flores visitou o local de trabalho, ficando alarmado com as condições de insalubridade do mesmo. Seu ganho de causa ao trabalhador. O operário Sebajo, carregador de osso industrial, adoeceu em consequência da insalubridade do serviço que executava. Também pelo mesmo motivo ficou tuberculoso o operário Teodoro Rodrigues, que foi encostado à Caixa e posteriormente devolvido ao trabalho, ainda doente. Esse operário teve que buscar tratamento em Rivera, no Uruguai, porque o IAPI lhe negou.

Não há fiscalização por parte do IAPI. O fiscal do Instituto, sr. Silvio Coelho, prefere defender os interesses do Frigorífico, não o fiscalizando. Limitou-se a informar aos patrões do pedido que lhe fez o Sindicato, para uma inspeção no Frigorífico. O Sindicato, em assembleia, resolveu dirigir-se à direção do IAPI, solicitando o envio de uma comissão para inspecionar a empresa.

(Do Correspondente da VOZ no Frigorífico Armour, Livramento).

O CONGRESSO DE DEFESA DO ALGODÃO

A Questão do Arrendamento



A ALTA SOROCABANA é a região algodoeira mais importante do Estado de São Paulo. Concentra 1/3 da produção algodoeira paulista (cerca de 100 mil T. em pluma), sendo que os municípios principais são: Presidente Prudente, Paraguassu, Martinópolis, Santo Anastácio, Pres. Bernardes, Regente Feijó, etc. A camada do campesinato predominante é a dos camponeses pobres e médios (arrendatários e meeiros). Os pequenos proprietários são poucos.

Ainda que o Congresso de Defesa do Algodão se destinasse a discutir especificamente a questão do preço mínimo, muitos lavradores ergueram sua voz para protestar contra os arrendamentos escorchantes. O que vigora na Alta Sorocabana é o pagamento de 30, 40 a 45 arrobas por alqueire. A grande massa dos produtores colhe menos de 100 arrobas desde que não empregam adubos, não usam veneno nem máquinas. Há casos naquela região em que lavradores colhem só 40 arrobas, isto é, o suficiente para pagar a renda da terra. Influi muito nesse baixo rendimento da terra o fato de que os fazendeiros preferem plantar capim nas melhores terras, entregando ao arrendamento as de qualidade inferior.

A questão do arrendamento é, pois, a que interessa mais de perto à grande massa de camponeses pobres e médios, inclusive aos camponeses ricos. Por isto mesmo vem alcançando a maior repercussão entre os camponeses a proposta da FARESP de condicionar o arrendamento à produtividade do solo, que publicamos noutra local da presente edição.

No clichê: meeiros da região da Alta Sorocabana que se dedicam ao cultivo do algodão.

REALIZOU-SE na 2ª Quinzena de Março, o Congresso de Defesa do Algodão da Alta Sorocabana, na cidade de Presidente Prudente. Os trabalhos foram assistidos por mil e duzentos lavradores, representando 20 municípios.

A maioria dos participantes era constituída de camponeses pobres, meeiros e arrendatários. Mas no Congresso participaram também os grandes fazendeiros (o sr. Joaquim Pedro Godoi Filho, por exemplo, dono de mais de mil alqueires de terra). A que se deve tão ampla unidade? Ao fato de que o Congresso tinha por objetivo discutir aquela questão que no momento unifica a todos os plantadores de algodão, pequenos e grandes, a do estabelecimento de preços mínimos compensadores.

Os trabalhos preparatórios

Nos trabalhos preparatórios desempenharam um grande papel os prefeitos das várias cidades da Alta Sorocabana, suas Câmaras Municipais, as Associações Rurais e a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. Funcionou em Presidente Prudente uma Comissão Organizadora integrada por prefeitos, vereadores, lavradores, que se incumbiu de promover e realizar os diversos atos preparatórios.

Preço mínimo e ampliação do comércio

Coube ao fazendeiro Abilio Augusto Cepeda, de Pirapozinho, apresentar a tese que suscitou maiores debates. Apresentou a proposta, unanimemente aprovada, de que a luta dos cotonicultores seja desenvolvida no sentido da obtenção de um preço mínimo de 180 cruzeiros por arroba de algodão, tipo 5. Para facilitar o escoamento da produção o Congresso aprovou uma resolução em que pede ao governo o estabelecimento das relações comerciais com todos os países. Esta a bandeira levantada pelos lavradores da Alta Sorocabana, em torno da qual podem se unir todos os plantadores de algodão do país.

O sr. José Alves Portela, secretário geral da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas quando fixava no Congresso a posição daquela entidade.



A menina que aparece no clichê vai fazer quatro próximo São João. E ainda assim trabalha no algodão.

Trabalhar Com as Associações Rurais

O CONGRESSO de Defesa do Algodão da Alta Sorocabana alcançou a maior repercussão. Assistido por representantes das Associações Rurais, das Câmaras Municipais, pela maioria dos Prefeitos, da região e representantes do governo estadual, está destinado a influir de maneira decisiva nos destinos da presente safra algodoeira. Por isto mesmo, a experiência de sua realização deve nortear a atividade de todos os lavradores nas outras regiões do país.

O primeiro ensinamento do Congresso da Alta Sorocabana é o de que é possível unir a todos no campo, acima de quaisquer divergências de classe, políticas ou religiosas, em torno de objetivos concretos. A reivindicação mais susceptível de alcançar a unidade da maioria é sem dúvida a do estabelecimento de preço mínimo compensador.

Nessa base é que todas as camadas não só estiveram representadas no Congresso como integram também a Comissão de Defesa do Algodão, eleita pelo conclave, da qual participam dois fazendeiros (srs. Abilio Cepeda e José Antunes), dois sítiantes (srs. Primitivo Paes da Silva e Aurelio Coutinho), dois arrendatários (srs. Antônio Valdevino Sobrinho e Alípio Pereira da Silva); dois meeiros (srs. Pedro Pereira Lima e Vicente Vieira);



Em segundo lugar, o Congresso da Alta Sorocabana veio evidenciar que o reatamento das relações diplomáticas com a União Soviética é uma exigência do máximo interesse para a economia nacional. A proposta do estabelecimento das relações comerciais com todos os países como meio de escoar a safra algodoeira foi aprovada por unanimidade.

O papel das Associações Rurais

Finalmente, o Congresso de Defesa do Algodão encerra ainda um ensinamento preciso. Trata-se da necessidade de que haja em nossas fileiras uma compreensão mais justa do verdadeiro papel que podem desempenhar no campo as Associações Rurais.

Ainda que nos trabalhos preparatórios do Congresso de Defesa do Algodão não tenha sido dada suficiente importância às Associações Rurais, vários de seus dirigentes estiveram presentes aos trabalhos do Congresso. A Associação Rural de Pirapozinho realizou uma assembléia na qual elegeu um representante ao Congresso e da Comissão de Defesa do Algodão, eleita no Congresso, participa o representante da Associação Rural de Presidente Prudente, dr. Francisco Lopes.

É certo que naqueles municípios onde a maioria da população rural é constituída de assalariados agrícolas (que se organizam de modo independente em seus Sindicatos e não nas Associações Rurais), os latifundiários têm todas as possibilidades de controlar e fazer funcionar como bem entendam as Associações Rurais. Mas há regiões, como a Alta Sorocabana, por exemplo, em que a massa fundamental do campesinato é constituída por camponeses pobres, sendo a estes possível influir no curso da atividade da Associação Rural. Segundo seus estatutos estas organizações englobam a todos os camponeses (pobres, ricos e médios) e também aos latifundiários. Não são, de modo algum, organização exclusiva destes últimos.

De posse das resoluções do Congresso de Defesa do Algodão apoiadas por grande número de Associações Rurais da Alta Sorocabana, bem como partindo das tabelas de arrendamento para o plantio de algodão proposta pelas FARESP podemos e devemos encontrar um terreno de ação comum com as Associações Rurais. Na medida em que fizermos avançar a unidade no campo, estaremos contribuindo para despertar e organizar aquelas camadas que são ali o ponto de apoio fundamental do proletariado: os assalariados agrícolas e os camponeses pobres.

ONDE PODE SER APLICADA A EXPERIÊNCIA DA A. SOROCABANA

A experiência do Congresso da Defesa do Algodão da Alta Sorocabana pode, sem dúvida alguma, ser aplicada a outras regiões do país. Em primeiro lugar às demais regiões algodoeiras do país. Como se sabe, 80% do algodão brasileiro é produzido nos Estados de S. Paulo, Paraíba, R. Grande do Norte e Ceará. Os Estados do Nordeste, próximos uns dos outros, poderão certamente unificar suas forças, com o que terão maiores possibilidades de alcançar um preço mínimo compensador.

Mas não só às regiões algodoeiras aplica-se a experiência da Alta Sorocabana. Há toda uma série de setores da agricultura, onde os

produtores defrontam-se com múltiplos e complexos problemas: cana-de-açúcar, trigo, etc. A questão reside em saber descobrir dentre as suas reivindicações aquela susceptível de unificar a maioria absoluta dos produtores agrícolas, de trabalhar com bastante amplitude, com todas as organizações, sobretudo com as Associações Rurais. Está fora de dúvida, também, que a questão do reatamento das relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética é hoje uma questão que corresponde aos interesses da maioria dos produtores agrícolas.

Como em 1945

A ANISTIA SERÁ UMA CONQUISTA DO POVO UNIDO E ORGANIZADO

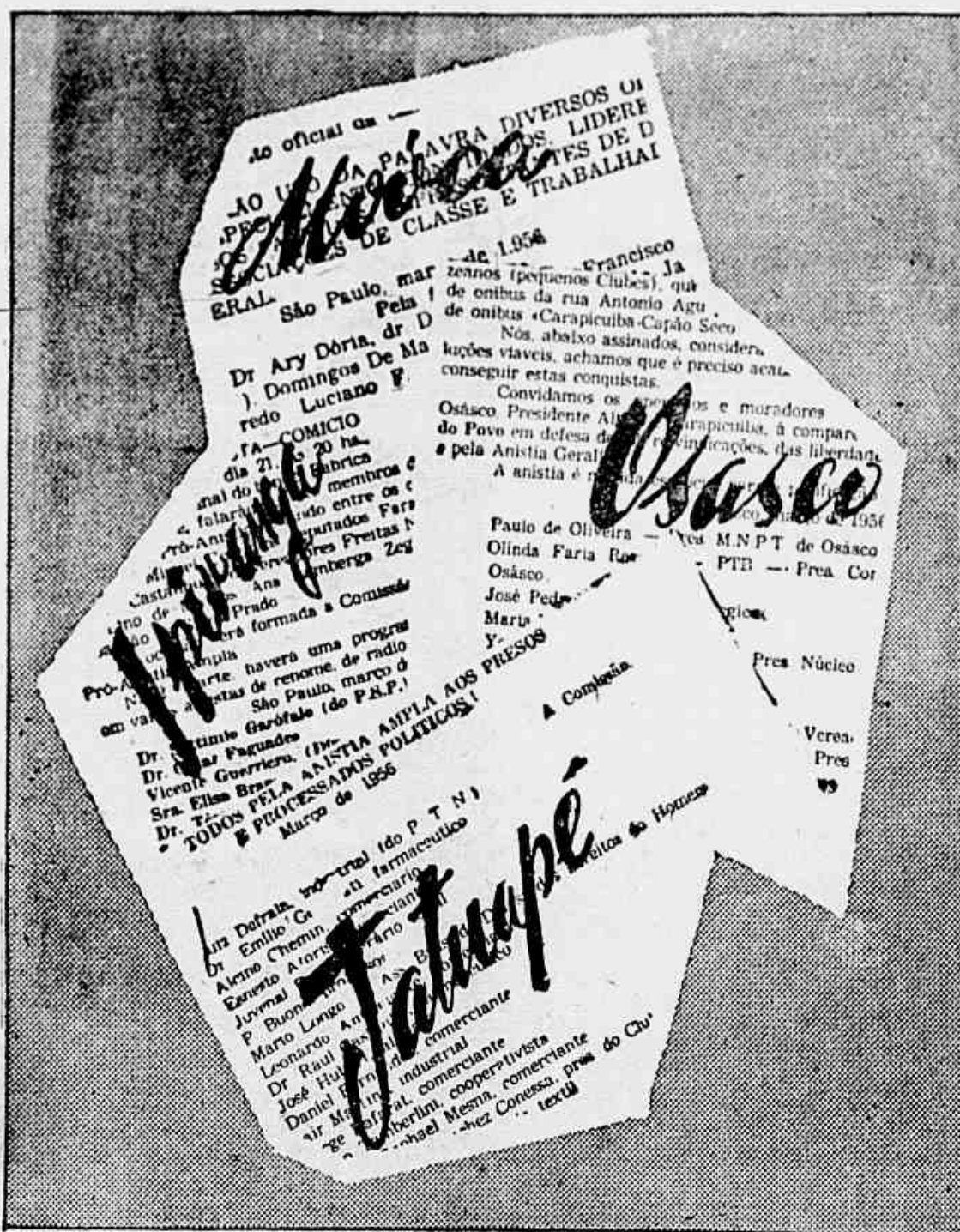
GANHA os mais amplos setores da opinião pública a luta pela anistia ampla a todos os processados e perseguidos por motivos políticos. No Rio Grande do Sul e em S. Paulo, no Pará e em Minas, na Bahia e no Ceará, nos mais longínquos recantos do país ergue-se a voz do povo, exigindo a medida que será um passo decisivo para um novo avanço da democracia, para o congraçamento da família brasileira, para a união, acima de quaisquer divergências secundárias, de todos os brasileiros que desejam a independência e o progresso do país.

O povo baiano dá um exemplo de fidelidade à causa democrática, participando, com entusiasmo, da batalha pela anistia. Um grande comício realizou-se na tradicional Praça da Sé, de Salvador, com a presença de milhares de pessoas e o apoio de destacadas personalidades da vida política e social do Estado. Outros comícios têm-se realizado nos principais bairros. A convocação de comícios para locais de fácil acesso pela população de vários bairros populosos revelou-se uma experiência positiva. No Largo do Tanque os moradores de três importantes bairros da capital baiana — Liberdade, São Caetano e Itapagipe — realizaram uma grande manifestação pela anistia. A Carta-Mensagem do povo baiano, pela anistia, vem sendo assinada por milhares de pessoas.

Os estudantes baianos, tal como em 1945 e em tôdas as jornadas democráticas do povo brasileiro, tomaram em suas mãos a grande reivindicação democrática da atualidade. As duas entidades estudantis, ABES (secundários) e UEB, (universitários) não só apoiaram oficialmente, como transformaram sua sede em quartel general da campanha. Ali se concentram, diariamente, homens de tôdas as classes e camadas sociais, dali saem os volantes e os cartazes, ali se fazem as faixas e os painéis, se programam os comícios, comandos e demonstrações de massas. A Comissão da Campanha, na Bahia, mantém um programa radiofônico diário.



A campanha pela Anistia nos bairros de São Paulo, vem sendo comandada pelas Comissões locais. Ao realizar atos, comícios ou debates em recintos fechados, essas comissões publicam boletins que vão assinados por todos os seus membros, como se pode ver no clichê ao lado



EXPERIÊNCIA IMPORTANTE: As Comissões de Bairros e de Setores Profissionais

EM São Paulo, onde a campanha pela anistia ampla a todos os presos, processados e perseguidos políticos desde 1945 vem alcançando enorme êxito e amplitude, a existência de comissões pró-Anistia nos bairros e nos setores profissionais tem possibilitado a adoção de múltiplas iniciativas. Damos a seguir o noticiário de algumas dessas Comissões, cujo exemplo é digno de ser imitado nas principais cidades do país.

Em Vila Mariana a Comissão pró-Anistia faz um trabalho conjunto com os diretórios distritais do P.S.P. e do P.T.B. O mesmo se dá na Lapa. O papel da Comissão pró-Anistia é unificar os diversos pontos de vista, programar ações comuns, reallzar entendimentos. O diretório distrital do P.S.P., na Lapa, por exemplo, é contra a anistia aos parti-

cipantes dos acontecimentos de Jacareacanga, o que entretanto não tem impedido essa organização de participar dos diversos atos programados e realizados pela Comissão pró-Anistia. Esta visa unificar as diversas correntes em torno do ponto de vista mais justo: o da concessão de uma anistia ampla, a partir de 1945, sem entretanto querer impor esse ponto de vista, disposta a colaborar e a discutir com todos.

A existência de Comissões nos Bairros — demonstra a experiência de São Paulo — possibilita a realização daqueles atos que têm uma grande importância no sentido da propaganda e do esclarecimento da população. Referimo-nos aos comandos de casa em casa e à colocação de mesinhas. De

um modo geral as iniciativas dessa ordem realizadas pelas Comissões de Bairro de São Paulo têm sido coroadas de êxito. A Comissão da Lapa em 10 dias coletou mais de 15 mil assinaturas. Na 4ª Parada foi realizado com grande êxito um comando no comércio, coletando assinaturas e fundos para a campanha. Em Tatuapé, uma mesinha, funcionando durante uma hora, coletou 200 assinaturas. A mesinha colocada pelos Hoteleiros coletou 102 assinaturas, sendo que só duas pessoas recusaram-se a assinar.

A Comissão do Belém organizou uma equipe de comandistas. Esta num dia, no Jardim Japão, coletou 547 assinaturas. No mesmo espaço de tempo uma equipe de jovens da Vila Maria coletou 263 assinaturas.

Outro aspecto importante da organização dessas Comissões de Bairro é a possibilidade da ligação da campanha pela Anistia às reivindicações locais. Tal é por exemplo a experiência do Tatuapé. Ali a campanha pela anistia vem se desenvolvendo em estreita ligação com a luta de todos os moradores pelo prolongamento da linha de ônibus.

Finalmente, as Comissões de Bairro possibilitam a realização de um trabalho permanente nas empresas. Com a ajuda dessas comissões locais pela Anistia é que se desenvolve uma ampla coleta de assinaturas nas fábricas Matarazzo, Belenzinho, Orion e Estrela, que são as empresas onde se desenvolve mais amplamente a coleta de firmas.

O Que é ANISTIA?

NO discurso que pronunciou no ato de instalação da Comissão Paulista Pró-Anistia, o vereador Libero Ancona definiu o conceito de anistia de modo simples e inteligente. A Comissão Paulista imprimiu esse discurso e distribuiu-o amplamente. É dele o trecho que se segue:
"Foi no ano 403 A.C., exatamente há 2.359 anos que a humanidade conheceu um homem de espírito arejado, de formação perfeita, de coração de patriota, que, pela primeira vez, na história do mundo, decretou a lei do esquecimento ou "anistia". Foi esse homem Traçibulo, general e estadista ateniense, que após libertar sua pátria sob o domínio dos 30 tiranos, e posteriormente de uma nova facção aristocrática composta de 10 membros, indicou aos homens o camin-

ho da paz e da liberdade. Não manchou sua glória por nenhuma reação, repeliu qualquer proposta ou acordo que pudesse ser contra o povo. Desejou, sim, o esquecimento do passado e, para tanto, promulgou a primeira lei sobre anistia. A anistia tem efetivamente por fim especial o esquecimento completo de todos os crimes políticos que de ordinário só costumam considerar-se como tais durante o período agitado de perturbação da ordem política ou social, sendo as pessoas que os cometeram incapazes de um crime desonroso, e constituindo o delito, antes a sorte adversa do vencido do que a natureza da ação.
A anistia é sempre coletiva porque se dirige mais aos acontecimentos que aos indivíduos."